



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM - CESITA

IVONETE ROGRIGUES CARVALHO

**O PAPEL DA MULHER DO SÉCULO XXI EM PARALELO COM AS
MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS FEMININAS EM UMA VISÃO
LIBERTÁRIA E IGUALITÁRIA: análise da obra de José de Alencar,
Iracema**

Itapecuru Mirim
2021

IVONETE ROGRIGUES CARVALHO

**O PAPEL DA MULHER DO SÉCULO XXI EM PARALELO COM AS
MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS FEMININAS EM UMA VISÃO
LIBERTÁRIA E IGUALITÁRIA: análise da obra de José de Alencar,
Iracema**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Literatura e Língua portuguesa da Instituição Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientadora: Profª Esp. Katiana Oliveira dos Santos

IVONETE ROGRIGUES CARVALHO

**O PAPEL DA MULHER DO SÉCULO XXI EM PARALELO COM AS
MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS FEMININAS EM UMA VISÃO
LIBERTÁRIA E IGUALITÁRIA: análise da obra de José de Alencar,
Iracema**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Licenciatura em Letras Literatura e Língua
portuguesa da Instituição Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA.

BANCA EXAMINADORA

NOTA: _____

DATA: ____|____|____

Prof^ª Esp. Katiana Oliveira dos Santos
(Orientadora)

2º examinador

3ª examinador

Itapecuru Mirim
2021

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se
pôs a caminhar.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, que é o senhor e criador de tudo, depois à minha família, que sempre prestou total apoio no decorrer do processo acadêmico, mãe, pai, esposo e filhos. À instituição de ensino Universidade Estadual do Maranhão que desenvolve um trabalho de excelência em relação a formação acadêmica. À professora que me orientou nessa jornada, Katyana Oliveira dos Santos.

RESUMO

A presente monografia trata da análise da obra *Iracema* de José de Alencar, apresentando um breve histórico sobre o papel da mulher no século XIX e XX, destacando as comparações com a sociedade contemporânea. Buscará em paralelo com sociedade moderna, visões e evoluções que a representação da mulher trouxe para o mundo, visto essa romantização e adequação colocada na obra, além da intimidação quanto ao comportamento e tratamento que as mulheres tem na vida contemporânea. Tendo essa evolução em caráter histórico, se traz também as igualdades, diferenças e mudanças do livro e da sociedade, junto da visão estabelecida pelo escritor, onde Alencar, sendo homem, colocou em suas palavras literárias condições agora mais realistas da índia, mulher, que se apaixona por um colonizador branco, resultando em um romance atemporal. Tem como objetivo principal identificar as diferenças e semelhanças do papel da mulher no século XIX e XX com o contemporâneo, dentro de uma visão igualitária e libertária tendo base o livro *Iracema*, de José de Alencar. A pesquisa se desenvolve de forma exploratória, qualitativa e bibliográfica, desenvolvendo conteúdo acerca da necessidade de abordagem sobre a temática, a fim de esclarecer questionamentos e aderir mais conhecimento a nível nacional. A revisão bibliográfica será composta por artigos, livros e sites publicados nos últimos anos. A pesquisa se baseia em Azambuja (2003), Camilo (2007), Rodrigues (2015), autores que trazem visões sobre o papel da mulher na sociedade, além da evolução história dessa perspectiva. E Martins (2016), que desenvolveu trabalho sobre a vida e profissão de José de Alencar, além, é claro, da obra *Iracema*, usando a edição 24 de 1991, da editora Ática.

Palavras Chaves: Literatura. Feminismo. Histórico. Mulher.

ABSTRACT

This monograph deals with the analysis of the work *Iracema* by José de Alencar, presenting a brief history of the role of women in the 19th and 20th centuries, highlighting comparisons with contemporary society. It will seek in parallel with modern society, visions and evolutions that the representation of women brought to the world, given this romanticization and adequacy placed in the work, in addition to the intimidation regarding the behavior and treatment that women have in contemporary life. Having this evolution in a historical character, it also brings the equality, differences and changes of the book and society, along with the vision established by the writer, where Alencar, being a man, placed in his literary words now more realistic conditions of India, woman, who falls in love with a white colonizer, resulting in a timeless romance. Its main objective is to identify the differences and similarities between the role of women in the 19th and 20th centuries with the contemporary, within an egalitarian and libertarian vision based on the book *Iracema*, by José de Alencar. The research is developed in an exploratory, qualitative and bibliographic way, developing content about the need to approach the theme, in order to clarify questions and add more knowledge at national level. The bibliographic review will consist of articles, books and websites published in recent years. The research is based on Azambuja (2003), Camilo (2007), Rodrigues (2015), authors who bring views on the role of women in society, in addition to the historical evolution of this perspective. And Martins (2016), who developed work on the life and profession of José de Alencar, in addition, of course, to the work *Iracema*, using edition 24 of 1991, from Ática publisher.

Keywords: Literature. Feminism. Historic. Woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE	11
2.1 Liberdade e igualdade	14
2.2 Movimento feminista	16
2.3 Histórico da mulher na sociedade	20
2.4 Contexto social da mulher	25
3 IRACEMA	34
3.1 José de Alencar	38
3.2 Análise da obra de forma atemporal	41
4 AS VERTENTES SOCIAIS DE IRACEMA	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

A literatura no Brasil, apesar de ser considerada como descendente de outras culturas, pois exerce um papel comparativo com a Europa, objetiva uma memorização da sociedade no país, assim como ela, outras artes como escultura, música, teatro, etc, tentam manifestar de maneira crítica o que a realidade do momento passa, seja ela política, econômica, social, entre outros.

A obra de José de Alencar, *Iracema*, considerada por alguns estudiosos como seu maior sucesso, não é diferente, pois ela transmite um romance até então impossível entre um colonizador português e uma índia. Apesar de a obra ser retratada a partir de fatos históricos da era da colonização, meados de 1822 a 1830, as palavras foram escritas por um indivíduo dos anos 1860, especificamente 1865, ano da primeira edição de *Iracema*.

A mulher, nessa visão histórica, ganha destaque em suas vertentes construtivas, é importante citar essas manifestações para entender o histórico de realizações e posicionamentos quanto ao seu papel na sociedade, havendo essa comparação entre o século passado e o atual, tendo assim a obra de José de Alencar como fundamentação, tanto por ser uma mulher na colonização, quanto por ser uma índia, destacando essa miscigenação de culturas e comportamentos.

José de Alencar, nessa concepção de idealizar a mulher, vivia em uma época na qual o Romantismo caracterizava-se como a principal escola literária, junto de outros autores descrevia contos de amores impossíveis com finais, quase sempre, felizes entre os casais, porém, mais que isso, eles traduziam movimentos revolucionários, assim foi com *Iracema*, o grande sucesso do escritor, que trouxe para a sociedade o amor nunca antes mencionado com tamanha ideologia entre um colonizador branco e uma índia, que deixou tudo para trás para viver seu romance, mesmo que o final não tenha sido o esperado para alguns leitores, é uma maneira crítica de falar sobre a mulher e seu papel histórico.

Pensando na importância da mulher no século XXI, deixando de lado uma visão mais de dona de lar, além das conquistas quanto a sua independência e direitos, há uma preocupação na historicidade desses aspectos, dentro dessa condição, entende-se que a mulher precisa buscar informações e fundamentação para compreender sua relevância. Não se fala aqui apenas de aspectos profissionais, tema que é sempre recorrente no debate do papel da mulher na sociedade, mas em todos eles, político, cultural, social, educacional e profissional.

Assim, tem-se que as mudanças e ainda desigualdades das mulheres, a índia Iracema, mesmo romantizando o contexto da obra, mostra uma visão mais guerreira da personagem,

sendo essa um espelho do que se pode considerar hoje como aceito para mulheres que buscam a igualdade de direitos e liberdade de ações e escolha.

É evidente que a sociedade mudou no decorrer dos anos, isso não se dá apenas por aspectos práticos no que se diz as inovações tecnológicas, educação, políticas etc., mas em termos gerais no que compõe um cidadão e sua participação na cidadania. Pensando em uma narração dos anos 60, fazendo menção a uma comparativa com o que se tem hoje, em todos os contextos sociais, culturais e participativo, mudanças significativas podem ser constatadas.

Levando em conta essa perspectiva, a obra *Iracema*, de José de Alencar, enquadra uma visão moderna da mulher, condicionante essa que deve ser sempre tratada com cautela, visto que o sexo feminino ganhou espaço e “voz” com os anos. Assim, pensando dessa forma, vale ressaltar a importância de comparar o papel da mulher dos séculos passados com o que se tem hoje, visto que dessa forma é possível elevar a relevância da mulher não apenas com uma condição de “dona de casa”, mas como indispensável à sociedade, assim como também evitar cometer “erros” do passado em relação a essa consideração feminina no mundo social, político, cultural e educacional.

Dessa forma, tem-se como objetivo a identificação de diferenças e igualdades entre o papel da mulher na contemporaneidade e o século paralelo ao lançamento do livro *Iracema*, de José de Alencar, junto da construção histórica dessa evolutiva.

Logo, espera-se assim, desvendar comparações históricas do papel da mulher levando em conta as mudanças recorrentes dessas diferenças e igualdades, buscando o resultado de pesquisa que comprove a evolução além da preocupação e relevância real da temática.

A pesquisa tem base nos autores Azambuja (2003), Camilo (2007), Rodrigues (2015), esses que descrevem sobre as visões do papel social da mulher, além do contexto histórico dessa temática. E Martins (2016), que escreveu sobre José de Alencar, além da própria obra *Iracema*, sendo utilizada a edição 24 de 1991, da editora Ática.

2 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

Falar do papel da mulher em termos gerais faz parte de construções históricas que fazem desse tema recorrente no mundo. Hoje em dia fala-se muito de feminicídio, feminismo e diferença de gênero, porém, apesar de que de certa forma no século XXI, observa-se uma certa evolução quanto aos fatos dessas vozes em parte começarem a ser ouvidas, elas já vinham gritando há muito tempo.

A imagem da mulher sempre foi subestimada dentro da sociedade, não só em um contexto profissional, mas em muitos outros que deixavam clara sua posição subordinada e subjugada, a referência estava ao lado, fazendo comparação em atribuições que os homens faziam, as mulheres eram descartadas, sendo que poderiam fazer melhor, no entanto, eram “colocadas” apenas, como dona de casa, do lar, mãe, esposa e educadora dos filhos.

Diante do histórico evolutivo em que o papel da mulher sofreu mudanças com o passar dos anos, comparar seu comportamento e participação no século XXI com o passado, ou até mesmo com o XIX é uma necessidade para entender a narrativa do livro *Iracema*, de José de Alencar na participação da mudança feminina na história.

“Na Europa do início do século XX, propagavam-se ideias de que a mulher estava desestruturando a instituição familiar com suas atitudes e ideias” (AZAMBUJA 2003, p. 85), essas mudanças diziam muito respeito justamente a essa concepção de dona de lar e mãe que a mulher carrega ainda atualmente, quebrar esse paradigma faz parte da história do seu papel na sociedade, vem de anos atrás, arriscando dizer que desde o surgimento do Brasil. O livro *Iracema* enfatiza isso ao apresentar uma índia, mulher, guerreira que foi contra muitos conceitos para viver seu amor e se mostrar à frente do seu tempo.

Azambuja (2003), a respeito da mulher pontua:

Nesse contexto de modernização, e conseqüentemente com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente expandido, ao mesmo tempo em que se discutiam temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. (AZAMBUJA, 2003, p. 85).

No que se refere a temática da mulher na sociedade, não há uma limitação apenas quanto a questão referente à sua profissão e ao fato de ser dona de casa, são vários temas que repercutem, pois a mulher, como ser ativo da sociedade traz consigo cargas de responsabilidades, desde a gravidez, visto que, inevitavelmente, elas se colocam responsáveis por outra vida. A modernização não mudou isso, porém auxiliou na construção histórica da mulher fora do lar, como trabalhadora, cidadã e mulher, assim como o “homem” é.

Azambuja (2003) diz:

No caso brasileiro, torna-se importante perceber que, na segunda metade do século XIX, ocorre uma série de mudanças decisivas nessa sociedade que iriam afetar diretamente as mulheres da classe superior urbana. Pode-se utilizar como exemplo a remodelação e saneamento do Rio de Janeiro, que trouxe maiores oportunidades para que elas expandissem seus horizontes, uma vez que a cidade preparava-se para receber um maior número de pessoas de diferentes lugares. (AZAMBUJA, 2003, p. 85).

A modernização inevitavelmente afetava as produções sociais que influenciavam na concepção de família que era tida como para ser seguida, nesse caso, a mulher do lar, mãe, esposa e que cuidava do bem estar do cônjuge e dos filhos, enquanto o homem era o trabalhador, que trazia sustento e alimentação para casa, porém, com as novas necessidades que se fazem presentes, nesse caso específico o de mão de obra, oportunidade essa que era dada a mulher, colocá-las no mercado de trabalho aprofundou mais ainda as questões quanto a sua posição, seu papel e comportamento social, profissional e familiar.

“A organização social sofreu, da mesma forma, rápidas mudanças com o crescente número de trabalhadores assalariados nas plantações de café e nas cidades, com o aumento das imigrações europeias” (AZAMBUJA 2003, p. 85 Apud ORTIZ, 1994), contanto vários fatores, as mudanças sociais se associavam a esses paralelos proporcionais ao movimento feminino, não tão evidente ainda, mas já mostrando indícios de contradições e participação social e política.

“[...] a imagem feminina ligava-se ao estereotipo de mãe/rainha do lar. As suas obrigações com o marido e casa eram seus problemas, o que preenchia o seu universo, e é essa a imagem veiculada nos anúncios da década de 30”, (AZAMBUJA 2003, p. 85), além de ser definida dentro do lar pelos homens que a cercavam, a mulher, constituinte também da sociedade, era caracterizada pela mesma, ou seja, a sociedade colocava padrões que fortaleciam essa ideia de dona de casa, propagandas são colocadas como exemplo dessa influência social e cultural.

Ao mesmo tempo em que essa mulher comportava-se de maneira conservadora e dentro dos padrões de valores aceitos pela sociedade, eram também nítidas as transformações que surgiam ano após ano, e, para um grupo seletivo de mulheres “ousadas”, no lugar da cultura europeia elitizada manifestava-se cada vez mais a imagem da mulher politizada, trabalhadora, independente, americana. (AZAMBUJA, 2003, p. 85-86).

Porém, junto dessa influência social e nacional, também era tida o modelo americanizado, que já demonstrava indícios de mudanças e evoluções quanto a posição feminina na sociedade, essa que já se colocava mais efetivamente no mercado de trabalho, mesmo que com diferenças gritantes em comparação com os homens, esse que também sofria

influência social, se colocando como o “chefe de família”, procriador e responsável em todos os sentidos pelas mulheres da sua família, esposa, filhas e até irmãs.

“A mulher característica dos anos 30, tímida diante das transformações sociais e econômicas, cedeu espaço, agora na década de 60, para uma mulher mais segura, deixando evidente que não havia mais como reverter o que foi conquistado” (AZAMBUJA 2003, p. 87), a mudança considerada lenta para alguns e para outros rápida, trouxe novas ideias e formação social, principalmente se falado em comportamento. A visão libertária e igualitária ganha destaque no que diz respeito ao papel da mulher, a sua aceitação profissional e a quebra da ideologia de dona de casa ainda impregnada na sociedade, ainda perpetuada no século XXI.

“Foi a partir da década de 60 que muitos dos padrões de comportamento comuns, nas décadas anteriores, começaram a se modificar e efetivamente a serem percebidos na sociedade” (AZAMBUJA 2003, p. 87), pode ser considerado essa década como a da mudança real desse panorama, como já dito, essas mudanças comportamentais já vinham sendo reiteradas na sociedade, porém, nessa década o pensamento feminino começa a mudar. Vale ressaltar, que o sexo feminino era ensinado a ser submisso a esse tipo de sociedade, a partir do momento que busca outro pensamento e entende como sendo o melhor para si, seu comportamento muda, afetando diretamente a sociedade como um todo.

Azambuja (2003) continua:

O universo feminino da década de 30 era fortemente influenciado pelos modismos e cultura europeia, talvez reflexo da ligação histórica do país com a guerra. Esse aspecto histórico não pode ser desconsiderado da análise, pois a presença da influência europeia na vida burguesa do brasileiro não era apenas restrita ao universo feminino. (AZAMBUJA, 2003, p. 91).

Entender que a sociedade ser desigual assim não era privilégio da mulher, resulta em comprovar que o homem também sofria influência quanto ao seu comportamento, assim como toda população. Diante o exemplo de propagandas onde colocavam a mulher como dona de casa, essa mensagem não chegava apenas a ela, mas aos seus maridos, pais e filhos, sejam eles meninas ou meninos, que entendiam aquilo como certo e seguia um ciclo que só foi se quebrando anos depois, principalmente com a industrialização e necessidade de mão de obra.

“Fica evidente e, até certo ponto, torna-se inegável que a mulher passou entre as décadas de 30 e 60 por profundas transformações sociais, culturais e econômicas” (AZAMBUJA 2003, p. 91), essas mudanças dizem respeito justamente ao seu comportamento ao aceitar o que era imposto, pois, a partir do momento que o “não” era dito, algo precisava ser feito, seja a retaliação ou aceitação do outro, nesse caso, havendo ambas as ações, porém

dependendo em grande parte da reação feminina em se impor ou continuar de cabeça baixa quanto a sua privação social e submissão matrimonial.

A autora finaliza:

A mulher da década de 60 mostrava-se mais segura recebendo mais influências externas. Queria ser mais informada, politizada e moderna, pois ela estava trabalhando fora de casa disputando seu espaço no mercado. Contudo, é preciso deixar claro que os valores da sociedade diante da mulher não se modificaram, ou seja, a mulher ainda estava ligada ao lar, filhos e marido. (AZAMBUJA, 2003, p. 87).

Apesar de haver modificações quanto ao comportamento feminino, a mulher se mostrando mais ativa na sociedade e disputando espaço profissional, não pode ser confundido tal mudança pessoal com a social, ela ainda era vista como do lar, ligada a submissão do marido e cuidados aos filhos. A visão da sociedade em relação a essa ideia continuava a mesma.

“O paradoxo gerado em função dessa dicotomia “mulher mãe” versus “mulher profissional” reflete-se ainda hoje” (AZAMBUJA 2003, p. 91). A autora deixa claro, que mesmo havendo essas inovações, evoluções, conquistas e realizações, ainda assim não se pode deixar de lembrar a história, dando devida importância a estudos e pesquisas que dizem respeito a historicidade de relevância do papel da mulher na sociedade, junto da prática de transmitir igualdade e liberdade a ela.

2.1 Liberdade e igualdade

Liberdade e igualdade passou a ser um assunto muito falado ainda mais depois da Revolução Francesa, na qual trabalhadores buscavam a igualdade de direitos a fim de usar sua liberdade para fazer suas escolhas e desfrutar de todas as atribuições da sociedade.

No mundo moderno, os preceitos de igualdade e liberdade, guias da Revolução Americana e da Revolução Francesa, tornaram-se norteadores dos ideais de convivência humana. Todos nascem livres e iguais são as marcas da sociedade moderna que, do ponto de vista jurídico, aboliu as desigualdades fundadas nas diferenças de nascimento e *status*. (COELHO, 2009, p. 510).

Os direitos humanos são os principais norteadores de acolhimentos e realização para fazer valer outros direitos constitucionais, apesar de ter sido falado em liberdade e igualdade a partir da conscientização trabalhista para trabalhadores que estavam em péssimas condições, foi a partir desse que outros direitos passaram a ser previstos e buscados para todas as pessoas inclusive para as mulheres que já demonstravam ações e comportamentos diferentes de anos antes dos 50, onde o feminismo passou a ser mais forte.

Segundo Coelho (2009, p. 13 Apud Belin, 1981): “O conceito de liberdade não comporta restrições aos direitos civis, porém há ênfases diferentes quanto à compreensão do conteúdo do conceito”. Ao se falar de liberdade, entende-se o “fazer o que quiser, quando quiser e como puder”, porém, apesar da palavra literal, não se pode enquadrar isso a todos os sentidos, pois, mesmo que haja essa liberdade de ir e vir, existe também a ilegalidade e os direitos e deveres civis que precisam ser seguidos, pode-se usar como exemplo prático a constituição de um país para o outro, onde, liberdade é liberdade em qualquer lugar, porém, a legalidade de ações pode sofrer mudanças e alterações.

“O conceito liberal de cidadania enfatiza o lugar do indivíduo e seus interesses, sem se ater à coletividade. A visão liberal corresponde à liberdade dos modernos, uma liberdade negativa cuja finalidade seria livrar o indivíduo dos constrangimentos legais” (COELHO, 2009, p. 513). Há essa condensação entre coletivo e individualismo, liberdade de expressão, muito se questionado nos anos dois mil, deixa margem para “falar o que quiser”, mas é necessário também a preocupação com isso, com o que expressar, onde, como e para quem, nesse caso, desenvolve-se a liberdade negativa, que tende a cooperar com o negativismo social, interpretativo para outras ações que não condizem com a legalidade constitucional. Coelho ainda diz: A visão republicana ou de liberdade positiva enfatiza a preocupação com a *res publica*, com o bem coletivo. Agora coloca-se aqui justamente a oposição a isso, a necessidade de coletividade para exercer a legalidade constitucional.

Liberdade somente para os partidários do governo, para os membros de um partido, por numerosos que sejam, não é liberdade. Liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa de modo diferente. Não por fanatismo da ‘justiça’, mas porque tudo quanto há de instrutivo, de salutar e purificante na liberdade política prende-se a isto e perde sua eficácia quando a ‘liberdade’ torna-se privilégio. (COELHO, 2009, p. 514 Apud Luxemburgo, 1987, p. 166).

“Os ventos da liberdade sopravam tanto no mundo capitalista quanto no socialista. As transformações nos costumes, nas artes, na música, rompiam com posturas retrógradas e inauguravam padrões novos e modernos de comportamento” (COELHO 2009, p. 517). A liberdade, assim como a igualdade, que se torna uma consequência da sociedade libertária, traz mudanças comportamentais e evoluções sociais que entendem os novos conceitos de participação, seja no campo trabalhista, no político, cultural e\ou social, o caso em particular é os das mulheres e o sistema patriarcado junto dos movimentos feministas. “O movimento feminista se firmava na luta pela igualdade de direitos entre os sexos” Coelho (COELHO 2009, p. 517). Comprovando ainda mais essa dependência de liberdade e igualdade, que constitui fortemente as mudanças sociais. A liberdade de se expressar, para assim pode buscar a igualdade de direitos.

A igualdade diz respeito a igualar os direitos, de compreender que ninguém é superior e fazer valer a constituição e direitos humanos quanto a essas mudanças comportamentais que fazem a igualdade social.

“A história da humanidade demonstra que a relação entre estas ideias variou, ora pendendo para o fortalecimento da liberdade, ora para a premiação da igualdade; é na justa medida destes dois valores que se encontra o conceito moderno de democracia” (BERBEL 2015, p. 80), atualmente os dois conceitos se interligam fortemente a democracia, isso porque ambos se associam aos direitos constitucionais, ou seja, exercer a democracia se torna sinônimo de ser liberto e um igual aos olhos de todos.

A extraordinária importância da ideia de liberdade na ideologia política só pode ser explicada pelo fato de que essa ideia tem sua origem em uma fonte essencial da alma humana, no instinto primitivo que impele o indivíduo contra a sociedade, Berbel (2015, p. 82 Apud KELSEN, 2000, p. 27-34). Mesmo sendo um conceito verídico e até moderno, é importante entender que ela também já exerceu um papel dominador quanto ao poderio político, isso porque se ligava à necessidade de controle social que o governo precisava ter.

2.2 Movimento feminista

Os movimentos feministas agora surgem como um acontecimento social que faz parte dessas liberdades e igualdades adquiridas com os anos, não se fala apenas do feminismo, mas de todas as produções culturais e patriarcal que a luta de mulheres que tiveram papel importante na história teve para desenvolver a estrutura que se tem hoje para mulheres na sociedade.

O conceito de feminismo, de acordo com Aves (2013, p. 113): “É entendido como a ação política das mulheres, englobando teoria, prática e ética. A autora reconhece as mulheres, historicamente, como sujeitos da transformação de sua própria condição social”. Torna-se uma construção de vida, onde envolve aspectos sociais, culturais, políticos, históricos, etc, isso porque, como cita a autora, se transforma na praticidade da ética de cada pessoa, não apenas das mulheres que usufruem dessas conquistas, mas de todos que dela participam.

“O movimento feminista organizado teve origem nos Estados Unidos na década de 60 (sessenta), e logo depois, alastrou-se pelos países do Ocidente. Sua principal proposição era a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação” (ALVES 2013, p. 114), isso porque condicionada tudo a modelos futuros, ou seja, emancipar era falar sobre a liberdade

passageira, porém a liberdade real devia ser para sempre, causa das mulheres que reivindicavam essa qualificação para todas.

As tendências do movimento feminista tiveram início no final do século XIX e se estenderam pelas três primeiras décadas do século XX. O movimento sufragista, que teve à frente Bertha Lutz, foi o foco da primeira tendência. Essa fase era a do feminismo "bem comportado" e sinalizava o caráter conservador desse movimento. Nesse momento, ainda não era questionada a opressão da mulher. (ALVES, 2013, p. 114).

No início, o movimento, apesar de já existente, ainda era oprimido pela sociedade e sua cultura machista, que colocava a mulher como submissa aos seus maridos, pais e até irmãos, sendo homens, era uma questão hierárquica equivalente à época, dessa forma, o feminismo por si só era conservador e primava pelo comportamento privativo, mas não deixava de expor sua mensagem e objetivo.

“Em sua segunda tendência, o feminismo era "malcomportado", e reunia mulheres intelectuais, anarquistas e líderes operárias, sendo que defendia o direito à educação, abordando temas como a dominação masculina, a sexualidade e o divórcio” (ALVES 2013, p. 115). Agora já se via uma posição mais prática e firme do movimento, onde as mulheres decidiram se fazer escutar, dessa forma deixando claro no ambiente social que não se deixariam mais dominar, mesmo que fosse um processo lento para todos.

Alves (2013, p. 115) afirma: “No ano de 1963, Betty Fridman lança a mística feminina, no qual retoma as ideias de Beauvoir e delata a opressão contra a mulher na sociedade industrial”, isso coloca o movimento em uma narrativa mundial, se alastrando pelo mundo. Alves (2013, p. 115) ainda confirma: “É a partir dessas novas ideias que o feminismo se expande pelo mundo e inicia-se um período de movimentos sociais feministas”. Comprovando essa aparição em outros países, dando um destaque mais firme a causa. “No Brasil, muitas mulheres participavam ativamente da luta contra a ditadura militar. O primeiro grupo de mulheres feministas, depois de Simone Beauvoir, surgiu em São Paulo, no ano de 1972” (ALVES2013, p. 115). Esse é um dos marcos para o feminismo, a luta na ditadura militar, que ampliava em grande escala esse comportamento revolucionário e enfatizava a contradição do papel da mulher em muitos aspectos sociais, inclusive o político.

Alves (2013) completa:

Nos primeiros anos da década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, num contexto em que o movimento feminista no mundo vai se configurando como uma luta não só por espaço político e social, mas como uma luta por uma nova forma de relacionamento entre homem e mulher. (ALVES, 2013, p. 116).

O feminismo sempre foi ligado a essa diferença de gênero, compreender como a legalidade das pílulas anticoncepcionais dão voz a essas mulheres é importante para entender

o quão frágil é a temática, a ponto de um controle do corpo ser considerado um marco para os movimentos feministas e conquistas da mulher.

“Na década de 1980, com o Brasil redemocratizado, o movimento ganha força, unindo-se com outros movimentos sociais, tais como: o movimento contra o racismo, fortemente influenciado pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica” (ALVES 2013, p. 116). Outros movimentos se aliaram a causa, isso porque já não era tratado apenas como uma liberdade e igualdade de gênero, mas como uma inevitável mudança histórica quanto ao papel significativo da mulher na sociedade e no mundo. Alves (2013, p. 116) continua: “Na década de 1990, a principal luta do movimento feminista foi contra a violência doméstica, que encontrou forte apoio, em 2006, com a criação da Lei Maria da Penha”.

A violência doméstica, que ainda hoje traz revolta social para grande parte da população, se tornou no século XXI um dos maiores sinônimos da causa do feminismo, isso porque o feminicídio se tornou mais recorrente no país, precisando de atenção ao combate e punição. Alves enfatiza: Neste momento, questões como sexualidade, corpo da mulher e a saúde, antes ditas apenas de esfera privada, são publicizadas pelo movimento feminista, surgindo uma linguagem inovadora e feminina. A centralidade do sistema era a forma como ver, tratar e comportar a mulher no social, não apenas pela fragilidade que era insistentemente ligada ao sexo feminino, mas porque historicamente a mulher era, e é tida como inferior ao homem, desenvolvendo uma dependência constante para com ele.

“A força do feminismo promove uma nova definição do poder político, questionando o que está posto e como esse poder é exercido, assim se constroem novas práticas e novos conceitos, ampliando o direito político das mulheres” (ALVES 2013, p. 118). O feminismo surgiu, justamente para trazer esses questionamentos, que no ambiente político e cultural era inativo. Os direitos a liberdade e igualdade fazem parte hoje da constituição, dando uma certeza de vitória, ainda que possuam aspectos distintos entre prática e teoria.

“No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto” PINTO (2010, p. 15). Além da polêmica época da ditadura, o direito ao voto também se tornou um marco para o movimento feminista, sendo uma conquista histórica falada atualmente em salas de aula.

“O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas” (PINTO 2010, p. 16). Esse perigo era visto pela liberdade que as mulheres passariam a ter, como tem hoje, de entender e fazer valer a intelectualidade, para muitos, superior ao homem. Esse receio é historicamente compreendido pela submissão imposta, maneira de controlar e coagir as mulheres.

Ainda na última década do século XX, o movimento sofreu, seguindo uma tendência mais geral, um processo de profissionalização, por meio da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), focadas, principalmente, na intervenção junto ao Estado, a fim de aprovar medidas protetoras para as mulheres e de buscar espaços para a sua maior participação política. (PINTO, 2010, p. 157).

Junto dessas ONGs, o movimento feminista ganhou mais força para se posicionar na política e assim, aliados a parceiros que entendiam e valorizavam a causa, buscar maneiras de integração da mulher em todos os preceitos sociais, principalmente o profissional e político.

“Todavia, na década de 1980, com a redemocratização do país, houve a união dos grupos feministas. Os resultados desse processo são as conquistas, como um movimento de formação de opinião em favor da emancipação das mulheres” (ALMEIDA, BRANDÃO E BOTI 2016, p. 03). A junção desses grupos deu mais força ao movimento, prova disso é que historicamente o final do século XX é tido como fundamental para leis, participação política e quebra de conceitos culturais e sociais para as mulheres, levando em conta a diferença de gênero e a busca de liberdade e igualdade.

Essa quebra pode ser comparada quando Almeida et al. (2016, p. 04-05 Apud BRASIL, 1916) diz: “O Código Civil brasileiro de 1916, em seu artigo 233, estabelecia que ‘O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos’”. Nesse ponto pode ser tido em termos práticos o entendimento, pois no século XXI essa colocação como homem chefe de família foi quebrada há muitos anos, ainda mais quando a mulher ganha papel central no ambiente familiar ao formar vários tipos de família além do clássico estabelecido por séculos.

“Com a modernização e o progresso, e com muitas lutas dos movimentos feministas houve a inclusão da mulher no mercado de trabalho, com direitos adquiridos, fazendo-a ter conquistas antes não permitidas” (ALMEIDA et al. 2016, p. 06). A entrada ao mercado de trabalho, assim como o direito ao voto e a pílula anticoncepcional, é colocado também como um dos marcos históricos da mudança comportamental e papel da mulher na sociedade, associado ao movimento feminista que tinha como objetivo essa participação mais ativa da mulher em todos os ambientes sociais de igual maneira aos homens.

“De uma forma geral, pode-se dizer que as ideias centrais do feminismo perpassam pelas noções de liberdade e igualdade, numa concepção de que a mulher enfrenta situações de desvantagem na sociedade pelo fato de ser mulher e que essa desvantagem pode e deve ser abolida” (CAMPOS 2017, p. 37, apud HEYWOOD, 2010). Resumindo em termos práticos é colocado aqui no que compete o feminismo, esse que tende a estabelecer essa busca de liberdade e igualdade da mulher, além de perpetuar que a cultura antiquada de submissão,

assim como outras que colocam a mulher abaixo do homem, pode e deve ser quebrada a partir do momento que fere qualquer direito constitucional, seja ele humano ou criminal.

“A constituição de uma consciência que perpassa pela necessidade de que o papel social da mulher seja redefinido é um processo coletivo, que se dá no âmbito das relações entre homens e mulheres e se materializa nas práticas sociais” CAMPOS 2017, p. 38, apud BANDEIRA; SIQUEIRA, 1989 *apud* SARDENBERG; COSTA, 1994). Não se pode pensar que a mudança histórica se deu apenas porque as mulheres buscaram seus direitos e se colocaram como uma igual, também se deve entender que os homens se reeducaram, mesmo que haja resistência, é necessário educação quanto a esse panorama social e compartilhamento de informação para entendimento senão de todos, mas da grande maioria de que a mulher não é menos que o homem e que nem a ele deve se submeter.

“A construção dessa identidade e o ideal de mudanças abrangentes no âmbito da sociedade e das relações sociais seriam, assim, importantes aspectos mobilizadores do envolvimento das mulheres na ação coletiva e de motivação para a luta social” (CAMPOS 2017, p. 38). A identidade feminina acaba sendo o objetivo principal para o movimento feminista, mesmo que inconscientemente, pois ela necessita da construção social, familiar, cultural e histórica, a partir do momento que todos esses aspectos compreendem a evolução comportamental e a tem como certa a ser seguida, a mulher ganha voz e sua identidade se materializa em suas ações e escolhas, tendida as mudanças sociais tanto falada aqui, nessa busca de liberdade e igualdade de direitos.

2.3 Histórico da mulher na sociedade

Faria, Cunha e Silva 2012, p. 02) dizem: “Ainda se exige a manutenção de um ideal feminino de ser mãe, modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada, implicando na desvalorização profissional, política e intelectual da mulher”. Isso quer dizer que ainda se tem uma valorização da mulher muito mais por ela ser mãe, do que por atributos profissionais e intelectual que ela venha a ter.

O homem e a mulher utópicos vêm caminhando para atingir uma subjetividade moderna, resistindo a duas formas de sujeição: individualizar-se de acordo com as exigências do poder ou prender-se a uma identidade sabida e bem determinada. (FARIA, CUNHA E SILVA, 2012, p. 03).

Não se pode falar de mudança apenas no pensamento feminino, valendo dizer que essas inovações históricas quanto ao papel da mulher na sociedade levam em conta o conceito estabelecido para todas as pessoas, homem e mulher, que necessitam de educação e reeducação sobre o tema.

“Os espaços ditos femininos, como a escola e a casa, muitas vezes revelam no seu cotidiano a introdução de todo um discurso opressor masculino, também por parte das mulheres. Há oprimidas que oprimem...” (FARIA et al. 2012, p. 04). Os autores fortalecem essa ideia de que a mulher necessita entender que suas ações são observadas e influenciadoras, se fazer machista, mesmo que inconscientemente, produz uma aceitação social e participativa para todas as pessoas, ou seja, se uma mulher age de forma compassiva e compreensiva quanto a desigualdade, então tal ação é vista como certa, causando confusão e distorção exatamente para a evolução do seu papel na sociedade, que acaba transcendendo e atrasando as mudanças.

“Um novo papel social da mulher exigiria um repensar dos gêneros, uma mudança correspondente no papel social do homem, uma vez que o desempenho de cada ator social depende de sua interação com o outro”, (FARIA et al. 2012, p. 05), essa mudança feminina no seu posicionamento e papel na sociedade afetaria todo um sistema que já era colocado como indispensável a continuidade da família, ainda mais se pensando no modelo tido de pai, mãe e filho. Modificar esse conceito produz discussão, imposições e contradições, já pensando no contexto do século XXI que traz novas formas de compreender família e mais ainda na perspectiva feminina que impõe uma visão mais libertária e igualitária de direitos e deveres.

Os autores complementam:

Há pouco tempo, o casamento modificava a condição civil e social da mulher, exigindo inclusive a adoção do nome da família do marido. Atualmente, a legislação permite a cada um dos cônjuges usar o próprio sobrenome. Tal atitude é uma forma, entre outras, de resistência das mulheres para manter a própria identidade, já que o sobrenome faz parte integrante da personalidade de um indivíduo, o “nominando”. (FARIA et al. 2012, p. 05).

Pensar dessa maneira, na integridade da mulher, já é uma forma de valorização, visto que as políticas públicas identificam essa necessidade. O casamento, como um todo, até meados da década de 50 era tido como uma prisão de conceitos comportamentais, pois coloca a esposa em uma posição submissa em todos os sentidos, o ato da modificação do sobrenome é só uma forma de exemplificar isso, causando fundamentação de estudo a essa realidade histórica da mulher e seu papel na sociedade, trata-se também de dignidade humana, mesmo que direcionada ao sexo feminino aqui especificada.

“Outro grande tema, que ocupa lugar expressivo nos debates sobre o processo de emancipação humana, é a questão da mulher e da opressão feminina, perpetrada pelos homens, ao longo da história de uma sociedade machista” (FARIA et al. 2012, p. 06), essa sociedade machista é o grande centro da desigualdade no século passado, isso pela motivação em continuar com o modelo que desvalorizava a mulher e suas características fora de casa.

Faria et al. (2012, p. 06) continua:

Tais questões transcendem o simples confronto dos regimes políticos, priorizando a luta pelos direitos da mulher, o combate ao machismo, o amor livre, a luta pela igualdade de direitos. O Movimento Feminista, entre outras lideranças, se fortalece através das ideias da norte americana Betty Friedan também, nos anos 60, as mulheres dão início a um movimento de autonomia, política e profissionalização feminina. (FARIA et al., 2012, p. 06).

A liberdade feminina consiste em muitas lutas históricas, não apenas no desligamento do seu papel de mãe de família e dona de casa, mas de aspetos políticos, culturais, econômicos e sociais que interferem nas combinações de adequação profissional da mulher e comportamento feminino.

“O movimento pela mudança social irá envolver também as mulheres, levando as jovens universitárias a um processo de revisão crítica de seu papel na sociedade” (FARIA et al. 2012, p. 08), o nível escolar, a ser acessível para as mulheres, também se posiciona como motivador para essas mudanças históricas, onde traz informação, formação e revisão crítica, como citam os autores, isso que corresponde de forma legítima o fortalecimento feminino e feminista no mundo.

“Quanto ao papel feminino, ideias como sacrifício, dedicação e necessidade, estão associadas à função da mulher, remetendo aos principais símbolos femininos do início da década: esposa e mãe” (FARIA et al. 2012, p. 11), se estabelece aqui uma condição ainda mais drástica ao papel e comportamento da mulher, quando se fala em sacrifício, não se coloca o sentido literal e efetivo da palavra, a morte, mas é a condição em que a mulher se põe para conseguir dedicar-se ao que lhe é imposto, nesse caso ser esposa e mãe. Ela se condiciona e limita a exercer apenas tais papeis, levando a frustração e ofuscamento, seja ele pessoal ou coletivo.

As mulheres, por sua vez, são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (principalmente mães, donas de casa e esposas) e das características consideradas “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidades” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc.). Aos pais de família cabe sustentá-la com o seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido. (CUNHA, 2001, p. 202).

Tais características, ainda que verídicas, não podem definir o que a mulher é ou consegue fazer, sua classificação ou qualificação social não depende de conceitos trazidos dos séculos passados, ainda mais na constante submissa que lhe era imposto, porém, mesmo que seja uma adequação atemporal que o feminino ganhe cada vez mais espaço nos ambientes sociais, a desigualdade, preconceito e desqualificação continuam sendo usadas como refúgio para desmerecer o trabalho, participação e cooperação da mulher em muitos aspectos.

“Essas relações são definidas por um conjunto de normas sociais, mas aparecem em termos de representações como naturais, desistoricizadas e válidas para todas as classes” (CUNHA 2001, p. 202), falar ou entender a relação de gênero como fundamental para a diferença entre homem e mulher é de suma importância para comparar o avanço histórico do papel da mulher na sociedade, fatos como o direito ao voto, carteira assinada, ser mãe solteira, conseguir sobreviver sem se ligar diretamente ao homem são coisas que fazem parte da história da mulher, conseqüentemente do seu histórico de conquistas e lutas para ter o que se tem hoje, ainda que não seja o proporcional participativo e valorizado como o sexo masculino. Cunha (2001, p. 202) ainda continua: “O casamento define direitos e atribuições com relação aos gêneros traduzidos, frequentemente em desigualdades e dominação do feminino pelo masculino”. Ou seja, o matrimônio, que era para ser considerado algo natural para homens e mulheres, até metade do século passado era visto como um aprisionamento de conceitos que faziam da mulher refém de um compromisso social.

No entanto, ao mesmo tempo em que discriminações de gênero se manifestam com intensidade – divisões rígidas de papéis e atribuições, valorização da virgindade, manutenção da dupla moral sexual, autoridade do marido sobre a mulher – certas distâncias entre homens e mulheres se reduzem como, por exemplo, a modificação de regras sociais que vão do namoro à intimidade do relacionamento familiar, onde a voz feminina passa a ser mais respeitada. (CUNHA, 2001, p. 202).

Apesar de tantas contradições para a posição, comportamento e papel da mulher na sociedade, é notável as mudanças relacionadas a essas concepções, visto que o sexo feminino começa a apresentar reações e buscar voz para se colocar ativamente com seus próprios pensamentos e escolhas.

“Interrogações sobre o que os homens pensavam sobre determinados assuntos, em especial aqueles que diziam respeito à relação afetiva também eram presentes nas publicações destinadas às mulheres” (CUNHA 2001, p. 206), entende-se que nem o homem em certos pontos compreendiam o papel, e nem a desigualdade ajuda a compreender a complexidade da temática social, do movimento feminista e das evoluções históricas que o comportamento e sociedade sofreram com o passar dos anos.

Cunha (2001) ainda diz:

Encontrada definitivamente a mulher que se encaixasse no ideal desejado, o brasileiro comum decidia, segundo Carmem da Silva, “dar um jeito na vida”, ou seja, optava pelo casamento. O “dar um jeito na vida” significava, de forma sucinta, garantir refeições saborosas e baratas todos os dias, camisas limpas, botões costurados, sapatos engraxados e sexualidade legalizada. (CUNHA, 2001, p. 207).

O casamento então era visto como uma forma de conseguir tais regalias, não apenas para as mulheres, que se viam obrigadas a ter esse tipo de apoio familiar, no caso um marido

para lhe sustentar, pois não tinham oportunidades, mas também para o homem, que necessitava desses cuidados do lar, que eram destinados todos à sua esposa enquanto ele trabalhava fora.

“Ainda no campo feminino, sérias críticas ao perfil masculino eram tecidas por várias mulheres que percebiam a existência de um extremo machismo, autoritarismo, egoísmo e vaidade nos homens na maioria das vezes, nos próprios maridos” (CUNHA 2001, p. 209), ao começar a ter essa visão, as mudanças históricas comportamentais começavam a ser mais ativas na sociedade e na formação familiar, isso porque ao se dar conta do seu valor e da sua indispensabilidade social, a mulher se colocava como um igual, enfatizando ainda mais a preocupação do homem em manter a submissão, conseqüentemente o modelo familiar dos séculos passados, apesar de já apresentar modificações.

Por outro lado, algumas mulheres detectavam que todo esse comportamento do homem não era fruto unicamente da atuação “deles” no relacionamento com a mulher. Entendiam que também “elas” tinham uma participação muito grande na “leviandade” masculina, ao adotarem uma posição que permitia que esta acontecesse. (CUNHA, 2001, p. 209).

Como já dito, havia uma parte do comportamento da mulher que permitia a autoridade masculina, sua posição de chefe de família e “dono” da esposa e filhos, nesse sentido, a submissão dada pela mulher deixava margem para o marido, pai ou irmão entenderem que poderiam continuar, prova disso foi que a partir do momento que o sexo feminino não permite mais, o próprio homem entende que precisa mudar, trazendo as mudanças históricas e a busca de igualdade e liberdade ser mais fortes na sociedade.

“Poderíamos mesmo dizer que, para os anos 60, tais discursos, ainda não de todo superados nos dias atuais, eram um grande passo em se tratando de relacionamento homem/mulher” (CUNHA 2001, p. 212), essa superação aconteceu com o tempo, comparar a década de 60, com o ano de 1865, ano de publicação do livro de *Iracema* traz diferenças, assim como se comprar a mesma década de 60, ou mesmo o período que Alencar viveu, com o século XXI apresentam mais mudanças ainda, visto esse posicionamento da mulher em todos os aspectos sociais, profissionais e familiar, que demonstram evoluções quanto a isso.

Pode-se concluir [...] que as mulheres dos anos 60 ainda carregavam o peso do estereótipo tradicional do que era “ser mulher” em suas vidas. Para aquelas que transgrediam os estreitos limites que lhes eram destinados, o mais comum a acontecer era a possibilidade quase certa do convívio com o rótulo de menina “mal falada” ou da “puta”. (CUNHA, 2001, p. 221).

A difamação era um modo de manipular a estratégia de libertação que a mulher buscava, ainda se depara com situações como essa, porém, a diferença de comportamento vai justamente do que esperar da vítima, visto que no século passado era esperado que a mulher

abaixasse a cabeça, mas no século XXI ela não se cala, defendendo-se, acusando, apontando culpados e exigindo respeito, prática que traduz o conceito libertário e igualitário do qual o feminismo busca para as mulheres do mundo.

2.4 Contexto social da mulher

Falar de mulher moderna remete muito às mudanças de gênero que foram recorrentes com o passar dos anos, isso muito por contextos históricos como obrigatórios, citando os direitos humanos, legalidade e ilegalidade de violência doméstica, imposições de liberdade de expressão, mercado de trabalho, direito ao voto, entre outros, todos eles direcionando a mulher a uma posição mais igualitária na sociedade em geral.

“Atualmente as diferenças entre homens e mulheres, ligando o gênero ao trabalho, ao poder e ao sexismo na sociedade se tornaram um foco de pesquisas de área e uma realidade social importante” (RODRIGUES 2015, p. 01), estudar isso ajuda na compreensão de pensamento sobre como a sociedade se desenvolveu até aqui, ou seja, ao que se tem hoje, além de auxiliar no contexto de não cometer erros do passado, visto que apesar das mudanças e evoluções quanto ao posicionamento feminino e sua participação social, ainda existe sim discriminação e preconceito, pessoas que continuam “vivendo no século passado” e cooperam com a sociedade machista e cheia de desigualdades.

“As transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades de uma época, de um indivíduo, homem ou mulher” (RODRIGUES 2015, p. 01). A mudança histórica não foi de uma hora para outra, na verdade ela foi lenta e se apresentou de acordo com o que a necessidade do momento se colocava, ou seja, a cultura de uma época, assim como a população pensava de determinada forma, porém, alguém ou algo aconteceu para fazê-la pensar de outra maneira, seja uma dificuldade ou mesmo momento político, mas um determinante foi fundamental para que as mudanças se fortalecessem, exemplos podem ser citados como a revolução industrial, o direito da mulher ao voto, a liberdade de expressão feminina, entre outros.

Rodrigues (2015) diz:

As concepções divulgadas no século XVII reforçaram a imagem da mulher como um ser sem vontade própria. Rousseau (GASPARI, 2003, p. 29) detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, elas não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza. (RODRIGUES, 2015, p. 04).

A diferença de gênero não é uma questão atual, ela já prevalece desde a colonização do Brasil, até antes disso, visto que os costumes eram trazidos de outras províncias, reinos, países, continentes, ela só foi mais abordada no século passado visto as batalhas ganhas e oportunidades recebidas pelas mulheres, dando voz mais alta ao sexo feminino.

O livro *Iracema* adentra nessa perspectiva como incentivador do romance, dando uma versão mais libertária e igualitária das mulheres. Sua valorização passa para conceitos mais elevados em relação ao homem, mesmo que seja influência e consequência do amor sentido por Martim, ainda assim mostra que seu papel, o de mulher, vai muito além de apenas cuidar da casa, mas que ela tem seus próprios desejos e ambições.

“No século XVII, utilizando-se de oportunidades que vão sendo oferecidas, como a frequência a salões, onde podem se aproximar dos poetas, escritores e palestrantes, algumas mulheres conseguiram firmar-se no terreno intelectual” (RODRIGUES 2015, p. 04), essa nova realidade de insinuação feminina no contexto educacional foi fundamental para a tomada de liberdade, pois tendo conhecimento, educação e informação, a mulher se colocava mais ainda intangível quanto a sua personalização e posicionamento libertário, ela queria ter voz e vez, conseguindo isso através de si mesma, agora tendo um valor intelectual que antes era reprimido por modelos familiares que não permitiam liberdade total.

“Para tentar, talvez, isentar-se da responsabilidade de ter sido autora da desigualdade social e política, na sociedade, implantou-se uma visão cultural de que a mulher é inferior ao homem e não pela educação que lhe foi negada” (RODRIGUES 2015, p. 04), começava a ter uma noção de que sim, a mulher poderia ser tão, ou até mais inteligente e esperta que o homem, isso concedeu a margem para o receio machista, nesse caso, para eles, o melhor era que as esposas, filhas e até mães não adquirissem conhecimento, sendo que poderiam superá-los.

Rodrigues (2015, p. 04-05) ainda completa: “Essa mesma visão não igualitária entre os sexos, que preconiza o masculino com base em preconceitos e estereótipos, provavelmente foi a responsável pela consolidação de uma sociedade machista nos séculos XIX e XX”, ainda que repercutisse uma ideia já inovadora e mudança social quanto ao papel da mulher na sociedade, havia também retrocesso justamente por quem entende que essa libertação poderia prejudicar a convivência familiar, trazendo velhos conceitos novamente à tona, a sociedade machista mais uma vez se fortalecia no século XX.

Rodrigues (2015) ainda fala:

Devido às ideias iluministas, o romantismo favoreceu o desenvolvimento e a expressão do amor em todas as suas formas. Nota-se a discriminação, consolidada pelo discurso da mulher frágil, emotiva, amorosa, incapaz, portanto, “inferior”, não

permitindo o acesso ao conhecimento dessa condição opressiva. (RODRIGUES, 2015, p. 05).

Mostra-se aqui uma idealização da mulher que faz dela incapaz de buscar e fazer suas escolhas, pois ela mesma se convence de que não consegue fazer. Essa psicologia hoje considerada até crime psicológico, fazia da mulher dependente interinamente do seu pai, esposo e até filho, sendo ele do sexo masculino já estava acima dela. A opressão era recorrente de costumes e educação dada em casa, sua mãe lhe ensinava assim, e ela ensinaria para sua filha. Iracema também adentra nesse aspecto para quebrar esse paradigma de futuro destinado, ela era prometida a um segredo da tribo, mas ainda assim foi contra isso e fugiu com seu amado, esse que era sua escolha e sua decisão.

No século XIX, surge um novo discurso filosófico sobre a mulher. Com as manifestações contra a discriminação feminina e a luta pelo direito ao voto, acontecimentos que preveem uma melhoria na perspectiva da forma de viver das mulheres. (RODRIGUES, 2015, p. 05).

Questionamentos sobre essa posição feminina não se limitavam apenas ao aspecto social ou cultural, mas em todos as perspectivas que necessitavam de entendimento, exemplo a filosofia, que ponderava ações e condições. Valendo ressaltar que qualquer resultado de pesquisas a qualquer ciência que se propusera a analisar tais questões, era levado para um conceito muito econômico, sendo que mudar preceitos e modelos familiares afetada diretamente a política, conseqüentemente na economia.

Agora fala-se de um aspecto emancipatório, onde a mulher entende sua valorização e fortalece sua posição de liberdade e igualdade, sendo assim, compreendia que não era “obrigada” a permanecer em casamentos, ou mesmo se casar para ser aceita, ainda que sofresse julgamentos, conseguiria seguir dessa forma, solteira, trabalhando e com uma posição social que fazia parte ativamente.

Emancipar é buscar a igualdade em direitos, políticos, jurídicos e econômicos em relação ao homem. Libertar-se é ir além, realçar as condições de diversidade nas relações de gênero para que a mulher passe a ser vista como um indivíduo autônomo, um ser humano independente. (RODRIGUES, 2015, p. 06).

Esse processo de emancipação não trouxe apenas uma produção social mais efetiva da mulher para a sociedade, mas também qualificações que a colocavam como aceita e traduzia essa liberdade esperada, mas ainda subjugada. Ser livre, na questão igualitária social, em comparação com o homem, também se torna motivo de discriminação e relatividade de gênero, a diferença, reiterando, se mostrava na aceitação ou não da mulher quanto ao julgamento, podendo agora ela rebater.

“No século XX, o movimento feminista se espalhou pelo mundo com manifestações como: queima de sutiãs em praça pública e libertação da mulher com a criação da pílula” (RODRIGUES 2015, p. 06), tais movimentos também se colocam na história como fundamentais para a libertação feminina, chegando hoje ao que se entende por mulher moderna, independente, sobrevivente e com direitos que se fazem valer. Rodrigues (2015, p. 06) continua: “As discussões sexistas características da esfera privada, onde o mundo doméstico era considerado como o “verdadeiro” espaço da mulher, foram sendo rompido com a ocupação fora do lar que algumas assumiram”. Outro exemplo a ser citado é a colocação da mulher no mercado de trabalho, esse que é considerado um grande marco para as manifestações e reivindicações quanto a liberdade feminista e igualdade de direitos. Apesar de ainda haver discriminação em cargos e salários, trabalhar fora, ou seja, não ser apenas a dona do lar, também é uma característica da mulher moderna do século XXI.

A partir de 1977, o movimento feminista passou a seguir outras tendências, algumas voltadas para a discriminação do aborto ou a equiparação profissional com os homens, por exemplo. Muitas mulheres conseguiram conquistar postos de trabalho, antes só ocupados por homens, como cargos políticos, por exemplo. Com a crise familiar da sociedade, muitas passaram a exercer o cargo de chefes de família também. (RODRIGUES, 2015, p. 07).

A década de 70 adentra no histórico como fundamental para a agregação de valores e mudanças que descaracterizam a mulher apenas como dona de casa, dando uma ênfase para a sua posição também de chefe de família, o que se tem com bastante destaque no século XXI. Essa ideia de chefe de família só é possível justamente pela composição social da qual a mulher começou a se impor durante os anos, a possibilidade de trabalhar, não casar e poder ter sua independência tanto financeira como social.

“A mulher, embora impedida de se instruir, manifestar-se e realizar-se como “ser para si”, tendo que enfrentar a autoridade masculina e os preconceitos sociais, de acordo com suas possibilidades, procurou imprimir a sua ‘marca” (RODRIGUES 2015, p. 10). Exatamente o que Iracema fez, ainda que para uma obra literária de 1865, escrita por um homem, Alencar traz a marca Iracema, que surge como modelo de mulher, de índia, de brasileira.

“As desigualdades não provêm do fato de termos nascidos “machos” ou “fêmeas”, mas sim das relações e papéis sociais e sexuais construídos culturalmente” (RODRIGUES (2015, p. 13-14), não se trata unicamente de relação de gênero, mas de entender que só existe essa desigualdade de gênero porque a cultura social se manifestou por muito tempo assim, desde os primórdios da vida humana, dessa forma quebrar tais conceitos não seria fácil, assim como de fato não foi e nem vem sendo.

A partir do século XX, devido as constantes mobilizações, movimentos, estudos e efetiva participação da mulher nos sindicatos, escolas, universidades e associações, a luta das mulheres contra a discriminação, violência e preconceito se tornam cada vez mais visível. Os desejos, as angústias, enfim, a história de vida das mulheres se torna pública. (RODRIGUES, 2015, p. 15).

A participação da mulher agora não se limitava apenas a dona de casa ou até mesmo em um trabalho fora do lar, ela já se colocava ativamente em vários contextos políticos e sociais, como cita a autora, escolas, sindicatos, universidades e associações, essas que efetivavam ainda mais a mudança muito citada para a mulher moderna que se tem atualmente.

Junto disso tudo, havia certa visibilidade indesejada, mesmo que a mulher se destacasse agora como um igual, para alguns ainda era colocada como novidade, as famílias mais carentes que não tinham tanto acesso a meios de comunicação, tais como TV, celular, internet, ainda que bem remota no fim do século XX, continuavam a dar margem para o modelo de família patriarcal, onde a esposa devia submissão e obediência.

“As feministas, em seu discurso, consideravam as dificuldades que as mulheres da condição social mais alta enfrentavam para ingressarem no mundo do trabalho” (RODRIGUES 2015, p. 19), em contrapartida, adentrar ao mercado de trabalho, sendo da classe social mais alta, gerava também desconforto, isso porque era necessário o entendimento de posição social para qualificação profissional, o que era tido como “favor” por ela ser “ela”, era usado como desvio para valorizar o trabalho feminino, demonstrando nitidamente que a discriminação e o machismo continuavam a ditar comportamentos e condições para as mulheres.

A modernização da sociedade brasileira atingiu de maneira diferente os diversos grupos sociais e produziu várias formas e níveis de conflito. As reivindicações das mulheres trabalhadoras atingiram tanto áreas ligadas às atividades produtivas, estendendo-se até a vida familiar. (RODRIGUES, 2015, p. 22).

Essa era a concepção de modernização que as feministas buscaram, não adiantava apenas a mulher trabalhar, conseguir assinar sua carteira de trabalho, se dentro de casa continuava o comportamento submisso recorrente da cultura de anos atrás, era preciso uma educação quanto a isso, inovar os conceitos e modelo de família foi um passo primordial para essa evolução social.

“A família sofreu consideráveis transformações no último quarto século, pois a mulher mudou sua rotina inserindo-se no mercado de trabalho, passando assim, quase todo o dia fora do seu lar (COSTA E ANDROSIO 2011, p. 04 Apud Castells 2002), a independência se tornava cada vez mais inevitável, junto disso a liberdade social, familiar e profissional e a igualdade de direitos que fazia a mulher entender essa percepção mais ativamente, de que sua valorização era obrigatória. Costa et al. (2011, p. 04 Apud Carvalho 1995) ainda acrescenta:

“No Brasil, especificamente a partir da década de sessenta, essas mudanças afetaram a vida doméstica e redundam em mudanças na dinâmica familiar e no relacionamento homem e mulher”. O que direciona essa ideia de mudança para o casamento, sua forma, longitude e persistência, acrescentando também o aumento significativo de divórcios, mulheres acima dos 20 anos solteiras e até mesmo mães soltas.

Devido a essa inserção da mulher no mercado de trabalho, ela procurou dividir suas tarefas domésticas, seja com o pai ou com instituições como: creches, escolas e outros, promovendo a participação do pai na educação dos filhos e também na organização da casa. (COSTA e ANDROSIO, 2011, p. 04).

Quando dito que tais mudanças sociais afetavam diretamente na economia, as autoras destacam bem isso ao colocarem instituições que agora começam a fazer parte mais ativamente da vida dessas mulheres, sem contar, claro, no retorno financeiro que é ter mais mão de obra, sendo assim, era necessário haver um condicionamento também na estrutura familiar, agora sendo o pai também condicionado e participar dessa educação dos filhos.

Costa et al. (2011) ainda diz:

Os papéis antes eram preestabelecidos dentro da família e, hoje isto já não está acontecendo com tanta frequência. Está existindo uma individualidade onde, pai, mãe ou filho, lutam por seus direitos, igualdades, sua identidade e até mesmo pela sobrevivência de cada um, sem necessariamente deixar de ser família apesar da redefinição dos papéis. (COSTA et al., 2011, p. 05).

Haver essa mudança estrutural da família não quer dizer que a mesma deixará de ser família, apenas que a participação de cada um dentro do que se espera para o fundamento total de convivência e sobrevivência será mais elaborada e redefinida, visto que os papéis ganham outras características, seja dos pais ou dos filhos, esses que dessa forma já crescem tendo outro tipo de educação e modelo familiar, ajudando na quebra de arcaísmo que insiste em continuar na sociedade.

“Mesmo ocorrendo tantas mudanças, a questão da desigualdade de gênero ainda não foi extinta, porém vem sendo repensada” (COSTA et al. 2011, p. 04 Apud Coelho 2006). Repensar o assunto ajuda no objetivo de extingui-la, porém é interessante pensar também que sanar em um total pode trazer outras contradições, apesar de ser algo considerado ruim, não se pode deixar de entender que estudar a relação de gênero voltada para a desigualdade foi e é imprescindível para a construção igualitária da sociedade que é considerada harmoniosa, produtora e legal, não apenas para a questão homem e mulher, mas para todas as que sofram preconceito, racismo, homofobia etc.

“Nas décadas de 60 e 70, a mulher lutou por direitos iguais em relação aos dos homens. Assim, o casamento e a família deixaram de ser prioridades em sua vida, ocorrendo

mais separações, mulheres solteiras e provedoras de lar” (COSTA et al. 2011, p. 05-06), essa independência também é tida como primordial ao contexto libertário da mulher, a partir do momento que ela se coloca como chefe de família e sob aspectos mais rigorosos, mãe solo, ela aprende e entende que não precisa do homem\marido, assim, desestabilizando ainda mais a parte da sociedade que insiste em manter o modelo familiar do século passado.

“Diversos fenômenos e movimentos sociais mudaram o perfil da família, a antiga estrutura familiar tradicional, com o homem como único provedor e a mãe como única dona-de-casa e cuidadora dos filhos” (COSTA et al. (2011, p. 06), esses movimentos, alguns citados, tanto os feministas, como os políticos, direito ao voto, mais mulheres em universidades, legalidade do divórcio, entre outros, todos eles complementam a inserção do pensamento libertador que a mulher passou a ter, ou seja, mesmo que esses movimentos acontecessem, se a mulher não se posicionasse para tal, não haveria mudança, entende-se assim que a reeducação é necessária cada vez mais, não apenas para quem recrimina, mas também para quem é recriminado, assim entendendo o preceito de liberdade e igualdade sendo um direito de todos.

“Só no início dos anos 90 é que a mulher conquistou uma redefinição de papéis e identidades masculina e feminina, e essas mudanças e conquistas ocorreram devido ao trabalho e a modernização do mundo”, (COSTA et al. 2011, p. 06 Apud Coelho 2006), apenas no final do século que efetivamente a condição passou a ser vista como uma mudança real, ou melhor dizendo, que passou a ser provada por todas as mulheres, usufruída para todas e por todas.

Vale ressaltar que essas mudanças não aconteceram com a mesma frequência e/ou intensidade em todas as famílias. Ocorrendo um fenômeno de uma falta de definição da família além de diversas configurações e modelos familiares distintas e coexistentes. Onde tarefas e responsabilidades são divididas conforme acordo intrafamiliar. (COSTA et al., 2011, p. 07).

As mudanças, apesar de se colocarem agora mais efetivas na sociedade, não eram abordadas por todas as famílias e nem aceitas por todas as pessoas, ainda era e continua sendo um processo lento, porém, havendo comparação não se pode negar a evolução quanto ao posicionamento feminino, tanto no aspecto intrafamiliar, quanto no extrafamiliar. Como as autoras citam, havia uma necessidade de diálogo para discutir tais comportamentos, sendo esse acordo interno de casa ambiente familiar.

“O estereótipo de gênero por vezes se mistura ao estereótipo das tarefas, sendo algumas consideradas tarefas predominantemente femininas e outras masculinas” (COSTA et al. (2011, p. 07), enxergar dessa forma já é uma visão antiquada, pois estabelecer tarefas

unicamente femininas ou masculinas introduz características que desequilibram a noção de igualdade que tanto foi falado. A visão de que uma mulher não pode “arrumar” uma encanação ou um homem não pode “lavar” louça traduz a persuasão inconsciente da diferente de gênero levando até ao machismo feminino.

“Após anos de questionamentos sobre a divisão sexual dos papéis, a figura da mulher passou a ser de lutadora, pensa-se em mãe lutadora e que a presença e a luta por parte das mulheres se tornaram comum” (COSTA et al. 2011, p. 08), ao final, entende-se exatamente isso, que a mulher, mãe e esposa são mulheres lutadoras que usufruem de conquistas de outras mulheres lutadoras que tempos atrás estavam reivindicando direitos para que hoje uma mulher possa exercer sua liberdade de expressão e manter independência econômica e social.

“A identidade da mulher na família ainda encontra-se em construção, mesmo assim ela ocupa lugar de destaque dentro da família, mantendo seu lugar de poder e somando obrigação externas ao lar” (COSTA et al. 2011, p. 08), fala-se de construção justamente por ainda existir essa concepção machista e antiquada de dona de casa que cuida dos filhos, porém, ainda que seja pensado dessa forma, resta a mulher se impor e não se deixar levar por tal, fazendo valer seus direitos e voz como uma igual.

A redefinição do papel da mulher na modernidade foi causada principalmente por três fatores: a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho; o planejamento familiar através do controle reprodutivo e o advento da pílula anticoncepcional e a influência do movimento feminista. (COSTA et al., 2011, p. 10 Apud Castells In: FONTENELLE-MOURÃO, 2006).

A entrada da mulher no mercado de trabalho é fundamental para o contexto de independência financeira, o controle reprodutivo condiz com os direitos humanos, onde a mulher poderia controlar seu corpo, não sendo vista apenas como reprodutora, mãe, dona de casa que cuidaria do “muitos” filhos que teria devido a não haver esses respaldo da sua parte com seu próprio corpo, e por último, claro os movimentos feministas que juntando os outros dois fatores, fazem da história da chegada da mulher moderna uma versão de batalhas e guerras sociais tanto entre o sexo masculino, quanto ao próprio sexo feminino, que necessitava de liberdade intelectual para entender que não precisavam mais viver como antes, tendo agora direito a falar e ser ouvida.

No mundo moderno, especialmente após a década de sessenta, buscou-se com mais intensidade a igualdade de direitos e oportunidade para homens e mulheres, para alcançar essa ideológica igualdade muitos aspectos internos e externos à família precisaram ser repensados e redefinidos. (COSTA et al., 2011, p. 11).

Como já bastante falado, a família precisou ser modificada primeiramente para que a sociedade como um todo se juntasse a essa mudança, isso porque a educação familiar era a

que ditava comportamentos, dessa forma, como os pais e filhos aprendiam, era como seria transmitido fora de casa, havendo um ciclo dependente de associação e objetivos, ou seja, um dependia do outro para haver mudanças, assim como para alcançar metas, nesse caso, a reestruturação do modelo familiar.

“O papel da mulher na contemporaneidade, diferente do tradicional, soma sua inserção no mercado de trabalho à sua função na família, gerando a dupla jornada da mulher, dentro e fora de casa” (COSTA et al. 2011, p. 11). Apesar de ter havido todo um contexto e histórico de como a mulher conseguiu chegar ao que tem hoje, ainda não se pode dizer que o seu papel social foi definitivamente separado do de dona de casa, do lar, ainda que ela trabalhe fora, seja independente e até constitui uma família com seu filho, sendo mãe solo, ainda assim a visão de décadas atrás continua a ser sua sombra.

No entanto, mesmo que seja uma realidade, a mulher moderna se enquadra na visão libertária e igualitária da qual foi buscada tempos antes, cumprindo seu papel de cidadã ativa e respeitada por isso, essa modernização se torna cada vez mais frequente e inevitável.

3 IRACEMA

A obra *Iracema* conta a história de um romance entre uma índia e um colonizador português. A mulher que era detentora da guarda do segredo de Jurema. Porém, em uma de suas caçadas, a índia encontra Martim, esse em quem acerta uma flechada e se sente na obrigação de ajudá-lo, levando-o para sua aldeia, onde ele é recebido pelo pajé da tribo, Araquém, pai de Iracema. No entanto, o líder dos Tabajaras não viu essa chegada com bons olhos, se tornando então inimigo do português, ainda mais quando percebera interesse tanto dele para a índia, quanto da própria Iracema, que tinha uma visão muito mais libertária e independente do que as outras mulheres da aldeia.

Entre situações, batalhas entre as tribos Tabajaras e Pitiguaras, os dois se apaixonam e já não conseguem esconder o sentimento, porém, Iracema era detentora do segredo sagrado da tribo, é a virgem consagrada a Tupã, detentora do segredo da jurema, um licor sagrado que ajuda os índios em suas performances e até cura. No entanto, apesar de entender isso, a índia e o colonizador acabam se envolvendo e tendo relações, quebrando o voto de castidade da mulher, o que era o mesmo que condená-la a morte. Martim chegou a ser caçado por Irapuã e seus guerreiros, dando a Iracema uma única saída, fugir com seu amado.

Eles conseguem escapar e juntos começam uma vida na beira da praia, constroem uma cabana e lá ficam. Mas as expedições de Martim precisavam continuar, com isso ambos entram em tristezas, melancolias e solidão, ela por ver o amado se prender a um lugar por sua causa, e ele por enxergar a tristeza da índia por se sentir solitária. Isso muda um pouco quando Iracema engravida, porém não foi o suficiente. Ela pensa que o melhor para todos seria sua morte, com esse pensamento, perto de parir, Martim precisou partir para ajudar os Pitiguaras que estavam sendo atacados, Iracema tem seu bebê que dá nome de Moacir. O português retorna apenas a tempo da índia lhe entregar a criança e falecer logo após. Ele, entendendo que não tinha mais o que lhe fazia ficar ali, pega seu filho e resolve retornar para sua vida de navegante e aventureiro, mas sem nunca esquecer de onde viveu seu grande amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu, como a jetica, se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá. [...]

[...] O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora. O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça? (ALENCAR, 1991, p. 93).

Apesar de ser uma obra do século XIX, *Iracema* consegue trazer temáticas ainda hoje abordadas, principalmente sobre a mulher, essa que com o tempo e ramificações sociais, modificaram suas visões, comportamentos e aceitação em sentidos gerais e específicos, como profissional, familiar e social.

Todo o enredo de *Iracema* se baseia em um amor impossível, da idealização da personagem como mulher batalhadora e que luta por seus objetivos, porém, mais que tudo isso, indica o início da miscigenação do povo brasileiro. Da aceitação amorosa entre duas raças que hoje em dia é considerada a raiz da Brasil. Alencar tenta trazer essa construção populacional de forma aceitável aos olhos de todos.

Vale destacar os arcaísmos, o uso da terceira pessoa pela personagem indígena para se referir a si própria, além das perífrases, símiles, dípticos e aliterações que contribuem para a dimensão poética do romance, com sua grande densidade de imagens e ritmos encantatórios. (CAMILO, 2007, p. 171).

Para melhor entender essa ideia, o escritor tenta colocar em termos práticos o palavreado, comportamento, cultura etc., dos personagens, trazendo um realismo introdutório para uma nova visão social, ainda mais chegando próximo da abolição da escravatura no país.

“A hipótese de essa sujeição do índio ao branco se afinar com o esquema feudalizante de interpretação da nossa história, visto que tal dominação aparece como conatural em um contexto marcado pelas relações de servo e senhor” (CAMILO 2007, p. 175), essa relação diz respeito ao que se tem historicamente quanto a subordinação do índio. Os senhores brancos, falando-se ainda mais dos portugueses, eram tidos como “donos” dos índios, dependência natural histórica.

Voltando o contexto mais específico, que fala do romance aplicado em *Iracema*, tem-se interpretações quanto as escolhas e decisões da personagem, muito notável o final no enredo, onde há uma idealização de amor eterno que ultrapassou muitas barreiras para se tornar real, ainda que tenha teor triste devido ao falecimento da mulher.

“Quanto ao *sacrifício*, ele diz respeito, está visto, à própria heroína, que imola segredos, valores, identidade, cultura e a própria vida em nome do amor devotado a Martim” (CAMILO 2007, p. 178), esse é outro assunto que abrange discursões quanto a obra, isso porque uma devoção que ultrapassou tudo, até a morte, os segredos citados, relevando variantes das interpretações, podem ser considerados aceitações de destino, ou até mesmo o final dele, sendo que tais segredos, valores, identidade e cultura, de forma genérica, foram deixados de lado por Iracema para que ela vivesse aquele amor, dando mais ênfase ainda ao sacrifício.

Camilo (2007) ainda diz:

Alencar trataria de resgatar essa velha associação para representar sobretudo o momento *seguinte*, da corrupção, queda e conseqüente perda desse paraíso — momento associado ao processo colonizador. Se Rousseau já havia transportado o drama da queda para a própria história, nosso escritor trataria de reatualizá-lo no contexto mais restrito da Conquista. (CAMILO, 2007, p. 180).

É notório que Alencar, apesar de romancista, colocava em suas obras conceitos sociais que faziam parte de militância e profundidade crítica, isso porque era de opinião geral que a realidade precisava ser falada e criticada, junto disso, relatar a corrupção, desigualdade e liberdade pode ser considerado um objetivo de Alencar, ainda mais se pensado no momento político de queda e final da escravidão.

A conquista citada também pode remeter ao contexto libertário social. Junto da influência política de Alencar, mostra-se uma aculturação forte do romance entre índio e colonizador, a conquista impossível aqui, falando-se do contexto literário, mas há também o político, que se associa a liberdade do homem negro, índio e até mesmo branco, que necessitavam de mudanças reais e práticas.

Iracema como mulher e índia, tinha uma visão romântica e avançada para seu tempo, fato que Alencar deixava claro no livro, apesar de ser leiga quanto a modernidade da época, construía uma versão sua que idealizava justamente essa mudança social quanto a aceitação de ideias, comportamentos e culturas.

É colocado também uma visão melancólica sobre a obra, essa que se volta muito para o nascimento de Moacir, filho de Iracema e Martim, considerado a prova do amor dos dois, assim como o maior sacrifício da índia.

Camilo (2007) afirma:

O sofrimento associado ao nome e ao nascimento de Moacir é reiterado em mais de um momento. Logo após o parto doloroso e solitário, e a nomeação fatídica, Iracema volta a se dirigir a seu rebento com novo epíteto que nada fica a dever ao primeiro: “filho de minha angústia”. E no capítulo seguinte, em virtude de um novo sofrimento padecido pela heroína para poder amamentar o filho, o narrador tratará de observar que Moacir era “agora *duas vezes* filho de sua dor, nascido dela e também nutrido”. (CAMILO, 2007, p. 181).

O personagem herdeiro da índia e do colonizador adentra na perspectiva de comprovar o sacrifício, mas também de fazê-lo valer a pena. “Filho de minha angústia”, essas foram as palavras de Iracema para demonstrar sua situação no momento, em que se encontrava entregue ao destino, que seria sua morte, aguardando apenas sua última ação heroica, entregar o filho para o pai sã e salvo.

A associação melancólica se inicia desde a fuga do casal para viver o amor, a partir daí começaram as divergências e inconsistências do amor, a mudança e a diferença de ideia, vidas

e ambições já se faziam presentes, prestando então os dois a desafios reais da convivência. Martim sendo o herói romântico, mas ainda um colonizador navegante e aventureiro, Iracema sendo a mulher à frente do seu tempo, mas ainda sendo a índia que cresceu e viveu sua cultura natural.

“De igual modo, Martim, embora metaforicamente identificado com a serpente inoculando a corrupção no paraíso, não deixa de ser poupado e louvado em sua honra, coragem e valentia” (CAMILO 2007, p. 186). Não adentrando em total em questões bíblicas de associação, porém é importante frisar essa perspectiva, onde a idealização de homem e mulher ia muito além de índio e colonizador, pela branca ou vermelha, mas de entender que o enredo como um todo poderia e ainda pode despertar considerações variantes, culturais, políticas, sociais, religiosas etc.

Essa noção heroica dada tanto para Iracema quanto para Martim é persistente, havendo concordância ou não, não se pode negar que as escolhas dos dois fazem deles personagens dignos de admiração, mesmo que ao final a abreviação desse amor deixasse leitores em melancolia, porém ao entender o enredo geral, descrevem como o último ato heroico do casal, uma se entregando a morte, o outro louvando o nascimento do filho e prometendo honrá-lo.

Vale também citar a importância histórica de *Iracema* para o Ceará, sendo marco tanto da obra quanto o autor. “Ora, conceber um mito fundador para o Brasil a partir da própria narrativa de fundação do Ceará é conferir uma relevância nacional para uma província até então inexpressiva, mesmo no contexto regional” (CAMILO 2007, p. 187). Intermediar essa importância para Alencar era glorioso. Sendo um romance que acrescentava sua visão sobre a fundação da província, além de ter a oportunidade de colocar temas reais, tornou-se então ainda mais gratificante para Alencar.

Camilo (2007) informa:

Se a política não permitiu ao filho ausente reavivar o brilho do nome junto à província, que ele tornasse, então, a *refulgir* pela ficção, produto do *gênio* que é, com o *diamante*, de acordo com o referido prefácio, “as duas mais brilhantes expansões do poder criador” que irradia dessa natureza tropical que o viu nascer. (CAMILO, 2007, p. 181).

Alencar se distanciava da realidade da sua terra natal, questões políticas que se enraizavam em sua trajetória pelo Ceará como no Brasil inteiro, porém, apesar disso, seu amor quanto sua descendência e origem eram evidentes. Inevitável não perceber isso ao ele entregar para a cultura nacional obras que reavivavam sua paixão pelo Estado, sua perspectiva nacional.

Iracema, assim como Martim e Moacir são considerados filhos do Ceará, não apenas pelo enredo ter sido escritor e idealizado no lugar, mas por serem colocados como caracterizantes de momentos que comprovam esse realismo pátrio do autor.

Uma índia com um colonizador era algo natural até para padrões, porém, fazer desse enredo atemporal, isso é algo que Alencar fez com perfeição. Ler *Iracema* hoje, apesar de literatura clássica, reaviva conceitos, que apesar do ano ser 1865, hoje são expostos. A sociedade é aberta a modificações, evoluções, manifestações que com o tempo se dissipam ou restauram. Alencar em sua maestria com as palavras consegue trazer tais sentimentos para o leitor.

3.1 José de Alencar

Para conhecer melhor a estrutura de ideia de uma obra literária, é imprescindível conhecer e reconhecer seu autor/escritor, isso ajuda na adesão de ideologia e caracterizações de personagens, visto que a leitura é uma forma de imaginar e idealizar através das palavras sobre o que se ler.



Imagem retirada do E-Biografia: https://www.ebiografia.com/jose_alencar/

José de Alencar foi um grande escritor brasileiro, nascido em 1 de maio de 1829, em Mecejana, que na época era um pequeno povoado da cidade de Fortaleza, estado do Ceará.

Faleceu no Rio de Janeiro em 12 dezembro de 1877, com 48 anos de idade, vítima de uma doença da qual tentava combater durante muitos anos.

Formou-se na Academia de Direito de São Paulo, onde praticou por poucos anos a profissão, pois logo a escrita lhe tomou o tempo e dedicação. Dentre muitas obras, podem ser destacadas: *Iracema* (1865); *O Guarani* (1857); *Senhora* (1875); *Lucíola* (1862); *A Viúva* (1857); *Ubirajara* (1874); *Cinco Minutos* (1856); *O sertanejo* (1875); *O tronco do Ipê* (1871); *Diva* (1864); *O Gaúcho* (1870), entre outros. É visível que dentre as temáticas abordadas pelo escritor, muitas são voltadas para a miscigenação existente no Brasil há muito tempo. Desde nacionais a regionais do próprio país.

O escritor gostava de embasar suas obras nas teorias de igualdade social, havendo críticas quanto ao preconceito existente nessa mistura de raças, destacando os índios, negros e senhores de fazendas. Dentro dessa consideração, se usava o romance, uma forma de implantar essas características. A literatura romântica já ganhava destaque na época, o que influenciou ainda mais sua escrita.

Martins (2016), diz:

Vivendo numa época em que os princípios da estética romântica já vinham sendo introduzidos no Brasil pela geração de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), alinhou-se ao projeto imperial de construção da nação fundada em 1822 e participou ativamente da vida pública do seu tempo, empenhando-se em atividades distintas, como o jornalismo, a política (foi deputado pelo partido conservador e chegou a ocupar, por um breve período, o cargo de ministro da justiça do gabinete Itaboraí), a advocacia e, sobretudo, a literatura, graças à qual seu nome chega até os dias de hoje. (MARTINS, 2016, p. 01).

Ainda que tenha se destacado também no ambiente político, assim como tantos outros autores acabaram fazendo, o escritor é reconhecido mesmo por suas obras literárias, seus livros são usados em salas de aulas, livros didáticos, tidos como patrimônio da educação e literatura no Brasil.

Mesmo que seja considerado o maior nome da literatura do Brasil, há quem o tenha criticado. Martins (2016, p. 06 Apud TÁVORA, 2011, p. 53) afirma: “Sênior tem a pretensão de conhecer a natureza, os costumes dos povos [...] sem dar um só passo fora do seu gabinete. Isto o faz cair em frequentes inexatidões, quer se proponha a reproduzir, quer a divagar na tela”. Havia considerações quanto a narrativa do autor, justamente na sua maior característica, que seria a escrita sobre a vivência de povos e raças dos brasileiros, pois o homem José de Alencar, não poderia falar tanto de situações das quais não sabia a realidade, dessa forma ultrapassando o aceitável realismo quanto a seus romances.

Porém, apesar de críticas, não se pode negar a posição de destaque do autor quanto a história literária do Brasil, sendo considerado um dos fundadores do romance no país. Como destaca Martins (2016):

Escritor canônico, Alencar ocupa posição de destaque nas nossas histórias literárias, nas quais figura como uma espécie de pai fundador do romance brasileiro e como um autor que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do projeto romântico de constituição de uma literatura que pretendia distinguir-se da portuguesa. (MARTINS, 2016, p. 07).

A obra de José de Alencar intitulada de *Iracema*, teve seu primeiro lançamento de 1865, ano em que o romantismo ganhava destaque na literatura e conseqüentemente na sociedade. Junto disso, ideologias de liberdade e igualdade transcendiam a sociedade, isso porque em todos os aspectos, sejam sociais e políticos, haviam mudanças referentes ao comportamento e aceitação. A literatura era tida como uma forma de abordar temáticas antes discriminadas, assim referenciando ainda mais a sociedade quanto a isso.

Uma descrição sobre a pessoa de José de Alencar é dada por Machado de Assis, outro grande nome da literatura brasileira, como diz Montello (1967):

Machado de Assis, que com ele conviveu, nos dá do amigo e mestre esta imagem: “A sensação que recebi no primeiro encontro pessoal com ele foi extraordinária; creio ainda agora que não lhe disse nada, contentando-me de fitá-lo com os olhos assombrados do menino Heine ao ver passar Napoleão. A fascinação não diminuiu com o trato do homem e do artista”. (MONTELLO, 1967, p. 05).

Apesar de ser um encontro político, fica nítido a admiração e concentração que Alencar passava para quem tivesse alguns minutos de sua presença e diálogo. Sua inteligência era abrangente para vários assuntos, tanto que sua vida teve várias vertentes, artística, literária, política e social, pois suas profissões eram notáveis quanto a temáticas que repercutiam socialmente. Machado de Assis, assim como outros escritores da época, davam valor à pessoa que era Alencar, transbordando criatividade e talento em tudo que fazia.

Montello (1967) ainda diz:

Como se não bastasse esse labor formidável, que lhe permitiu perfilar nas estantes algumas das obras fundamentais da literatura brasileira, José de Alencar foi ainda o político, o linguista e o historiador, o polemista e o crítico, o jurisconsulto e o advogado. (MONTELLO, 1967, p. 06).

A nuance de Alencar não se limitava apenas na literatura, como já foi bem frisado, mas vale destacar que onde o homem estava, ganhava destaque, possibilidade que seu nome seja lembrando até os dias atuais como um dos mais importantes da história literária. Isso também porque de alguma forma suas várias faces facilitavam essa condição de imposição, de posicionamento e criticidade, fundamentando ainda mais seus pensamentos e realidade.

O homem advogado e político posicionou em vários momentos seus pensamentos motivacionais e críticos à sociedade em questão. A década de 1850 estava sendo a mais ativa para o escritor distante da escrita, isso porque ele estabelecia uma condição jurista, passiva e ativa de aceitação e julgamento, dando a suas escolhas e defesas relevância histórica para onde era colocada sua atenção.

A língua de Alencar, em *uma tese constitucional*, contrasta, de certo modo, com a língua dos seus escritos puramente literários. Aqui não é a palavra que conduz o escritor, na fluência de seu assunto. É o escritor que se coíbe e retrai, na linha da sobriedade estilística, sem exaltações verbais, sem raptos de eloquência discursiva. (MONTELLO, 1967, p. 07-08).

Apesar de ser a mesma pessoa, a escrita de Alencar diferenciava do homem escritor para o homem advogado, isso por conta da necessidade de adequação, no qual ele conseguia distinguir com perfeição. Mesmo que uma influenciasse a outra em pensamentos, era notória sua preocupação em separá-la, visto que ele, o autor, engajava uma historicidade diferente para ambas as profissões.

“A política estava no seu sangue, amalgamada às raízes mais distantes de seu ser. Tinha por isso mesmo que aflorar um dia, trazida por uma vocação irreprimível que obedecia às determinações atávicas e profundas das origens do escritor” (MONTELLO 1967, p. 10). A escrita era sim sua paixão, mas não se pode deixar de citar sua colocação política quanto a aplicações judiciais de igualdade de liberdade de direitos. Foram várias ações constitucionais que destacavam seu caráter e participação em ações sociais, das quais ainda hoje são recordadas, assim como suas obras literárias.

Montello (1967) finaliza:

A José de Alencar, que soube ser uma figura inteiriça na ordem moral e um mestre da língua portuguesa na ordem intelectual, bem que podemos aplicar aqui frase famosa com que Catão, o Antigo, definiu o verdadeiro advogado: “Um homem de bem, com o dom da palavra”. (MONTELLO, 1967, p. 16).

Um resumo atemporal do que foi José de Alencar como advogado e escritor. As duas profissões se destacaram em sua vida, é certo que ele é lembrado muito mais por suas obras literárias, mas ao adentrar um pouco mais no estudo sobre sua vida, fica evidente as aparições marcantes de Alencar no cenário político e social.

3.2 Análise da obra de forma atemporal

Iracema, o livro, *Iracema a mulher*, *Iracema a índia*, mãe, heroína, moderna e suficiente, foi traída por seus próprios sentimentos, não o amor, mas a concepção de destino

que ela mesma tinha, acreditando na punição, porém, o aceitando com sensatez invejável, entendendo ser o final feliz e ideal para tudo que fez e viveu.

“A base moral subjacente a narrativa é a de que, apesar da morte de Iracema, a existência de Moacir alude para o futuro que aguarda o Brasil após o encontro colonial. Com Moacir, natureza e poder se combinam para criar uma civilização única” (PINHEIRO 2016, p. 139). Não era mais vista como uma visão bilateral a realidade, mas como uma certeza de que mistura de raças no Brasil não poderia mais ser evitada. Seja romance, terror, comédia, etc, não importava os conceitos dos livros, Alencar trouxe um realismo com sua obra, visto que abrangeu vários temas, desde a miscigenação, ao romance, o preconceito, costumes e cultura, além da visão feminista da personagem Iracema.

Pinheiro (2016) ainda diz:

Iracema é, nas palavras de Sommer, uma “ficção de fundação” (Sommer 1993; Irwin 2003) com grande importância para a maneira como os brasileiros – e aqui acrescento: mais particularmente, os cearenses – se veem. Sommer também argumenta que os personagens de Alencar, além de Iracema, Moacir e Peri, são a “prova material de que a ficção não é exatamente irreal”. (PINHEIRO, 2016, p. 139, Apud SOMMER, 1993).

O autor traz uma visão do que vem sendo falado desde o início, a idealização real do romance, algo que mesmo trazendo aspectos inovadores, já era recorrente na época. Os colonizadores se relacionavam constantemente com as índias, tido até como natural, porém, Alencar ao trazer isso tão abertamente em um livro, se perpetua até hoje, justamente por esse motivo, por ser um livro e ele ser considerado uns dos seus maiores trabalhos literários.

“O romance está entre as primeiras manifestações de uma das mais influentes tradições do pensamento sobre relações raciais e identidade nacional no Brasil: “a tradição do nacionalismo mestiço”, (PINHEIRO 2016, p. 139). Falar sobre o processo de miscigenação no Brasil era recorrente na colonização, ainda que negros e índios fossem vistos como “intrusos” e/ou “escravos”, eram eles que junto dos colonizadores brancos cresciam mais ainda a população, sendo algo mais notável e aceitável com o tempo.

Alencar colocou isso de forma romântica, distanciando o preconceito racial, trazendo outros temas internos dos próprios índios, como o acolhimento e aceitação da presença do homem branco, das crenças indígenas fortemente ativa em suas vidas cotidianas, das promessas quebradas sendo consideradas pecados destinando os “pecadores” à morte, entre outros, porém, ainda enfatizando ser uma índia e um colonizador que escolherem viver aquele amor acima de tudo, pois, em uma visão futurista, naquela época e ainda hoje, é o tema a ser pensado, falado e criticado socialmente, o romance entre duas raças.

“Em sintonia com a tendência então vigente na América Latina, nas narrativas de Alencar “o índio só se torna entrelaçado no tecido da nova sociedade à custa de seu povo, suas tradições e, frequentemente, de sua vida” (PINHEIRO (2016, p. 140 Apud Guyton 2005, 3). Introduzir ao índio o respeito apenas por suas crenças e tradições que fizeram parte da construção populacional no Brasil se torna banal, Alencar, buscando distorcer essa realidade, introduz o romance, apesar de não conseguir fugir dessa afirmação, pois são participações ativas na sociedade até os dias de hoje. O índio faz parte da construção do Brasil por vários motivos, a miscigenação é algo natural atualmente, descendências que não são mais valorizadas, no entanto são a raiz do país.

“Iracema, uma vez o segundo nome mais comum nas listas de batismo do Ceará, depois de Maria, transformou-se em uma parente, uma amiga e uma figura viva nos sentimentos das pessoas” (PINHEIRO 2016, p. 141). A personagem ultrapassou a barreira do tempo e de páginas de um livro. Agora se tornando uma “pessoa real” para a qual se idealizava várias características fortes de personalidade. Faz parte da história do Ceará e do Brasil, destacando sua atemporalidade.

Pinheiro (2016) finaliza:

Certamente não carece de maior ênfase a afirmação de que todas estas construções ideológicas tiveram e ainda têm imenso efeito sobre as nossas consciências – de brasileiros, cearenses ou fortalezenses, indígenas e não indígenas. Isso talvez explique porque no Ceará, e na região Nordeste de modo geral, até muito recentemente pouco se falava de identidades diferenciadas ancoradas em noções tais como indianidade, negritude ou mesmo branquitude sem que se provocasse uma reação um tanto cética por parte daqueles que veem o Brasil, e sobretudo o Ceará, como a prova cabal de um processo, já consolidado, de mistura cultural e racial. (PINHEIRO, 2016, p. 145).

É uma comparação inevitável ao haver a discussão sobre a miscigenação. O que se tinha no século XIX e XX, é diferente do que se tem no século XXI, que mesmo ainda em seu início, apresenta constantemente mudanças e evoluções estruturais, sociais, políticas, culturais e de posicionamento. Ainda necessitando de educação, mas evidentemente melhor que antes.

O papel da mulher também adentra nessa perspectiva. A visão e comportamento feminino se destacam quando pensado em como houve evolução e aceitação. Analisar o contexto histórico comprova isso, fazendo essa análise em *Iracema*, a personagem e o Livro também comprovam, aproveitando o impacto cultural que ele traz, como o social na versão da índia liberta e heroína.

4 AS VERTENTES SOCIAIS DE IRACEMA

Discorreu-se aqui no terceiro capítulo sobre o enredo de *Iracema*, obra de José de Alencar, lançada no ano de 1865, ano em que a cultura, o modelo de família, a visão sobre mulher, sociedade e política eram outros. Junto disso, no segundo capítulo, é trazido uma contextualização sobre como foi o histórico da mudança de comportamento e papel da mulher do século passado como o atual, tendo em vista os fatos da história que fazem parte também da cultura feminista e continuidade machista da sociedade. Agora serão colocadas comparativas direcionadas ao livro e sua personagem principal, Iracema, com a sociedade moderna, levando em conta a própria índia que exerceu papel primordial para o enredo da obra, sendo ela índia, mulher, esposa, mãe e para muitos até heroína, demonstrando essas vertentes significativas para a interpretação e leitura do livro.

Santos (2018) inicia:

Não foi por casualidade a escolha do nome da indígena, pois, além de significar lábios de mel (um de seus tantos traços femininos positivos postos em relevância), é anagrama de América, o que traz para si o nome, a carga, o conceito de todo um continente de sua própria época. (SANTOS, 2018, p. 01).

Iracema não foi construída para ser mais um romance, ela veio para inovar, para modelar e modernizar a visão de miscigenação. Junto disso, comportando ideias motivacionais para mulheres, seja daquela época, seja da atual, para entender que podem ter sua própria voz e tomar suas decisões. A personagem traz consigo uma carga conceitual de amor e preconceito, além, é claro, da idealização da mulher índia vivendo um amor proibido com um colonizador branco.

Alencar no trecho do livro descreve a índia Iracema assim: “[...] tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”. (ALENCAR, 1991, p. 12). Havia uma personificação da beleza indígena que transcende o tempo, sendo que tais características fazem parte de uma normatização física e sexual da mulher brasileira, nesse contexto, da índia brasileira. O escritor ainda coloca: “Os róseos lábios da virgem não se abriram mais [...]” (ALENCAR, 1991, p.34). Existe aqui também, uma colocação muito forte sobre o aspecto de virgindade de Iracema, em vários trechos do livro o escritor a nomeia dessa forma: “[...] lhe sorri a virgem morena [...]” (ALENCAR, 1991, p.51). Outro trecho para confirmar essa idealização e concentração na virgindade da índia, dando alta atenção, modelagem e importância excessiva para o assunto.

Além dessas, outras características podem ser destacadas: “[...] mas a onda de perfumes que deixava na brisa a passagem da formosa tabajara açulava o amor no seio do guerreiro” (ALENCAR, 1991, p.58). Martim aqui é colocado como o que se apaixonou, se encantou pela índia, a mulher, a virgem que desfrutava de características tão vívidas e naturais. O autor ainda destaca: “[...] lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã” (ALENCAR, 1991, p.75). A caracterização de Iracema era muito voltada para seu corpo, seu porte físico, uma nacionalidade ligada a mulher brasileira, sendo índia, nativa e digna de admiração pelo colonizador ou por, posteriormente, sendo objetivo de Alencar, dos seus leitores.

Santos (2018), então destaca:

Então são estas as características às quais chegamos: morena, de cabelo longo, sorridente, perfumada, tem o pé delicado e a boca rosada, é forte e é bonita. Esse é o padrão exposto na prosa e que leva o leitor a ver a personagem como uma mulher de incríveis marcas por quem um homem branco poderia facilmente se apaixonar. (SANTOS, 2018, p. 03).

São características que chamam atenção pela padronização da beleza especificada na mulher índia. Não deixando de destacar que se fala de uma narrativa do ano de 1865, onde o escritor, sendo homem, traduz conceitos da época, tanto do machismo inconsciente quanto da sociedade em que está inserido, essa que era pouco tempo antes da proclamação.

“Cabe ressaltar que, para caracterizar uma indígena brasileira, alguns traços não poderiam ser diferentes, visto que há uma unidade de raça. Assim, Iracema não poderia ser branca de olhos claros, pois esse não é o fenótipo indígena americano” (SANTOS 2018, p. 03), como dito, havia uma normatização das características indígenas, que não poderia ser comparada com o padrão estabelecidos pelas europeias.

“Contudo, é exatamente a valorização desses atributos em contraste com o modelo europeu que tornam a representação feminina no livro tão peculiar. Exalta-se o biotipo da mulher brasileira” (SANTOS 2018, p. 03). Havia uma idealização da mulher loira com olhos claros, características das europeias, assim como ainda se pode ver atualmente, porém, o homem europeu, ao se deparar com a mulher brasileira, índia, morena, ou pele vermelha, como eram colocadas as nativas, há uma exibição maior e modelação para a atração ao novo, ao que era colocado como diferente e real para uma mulher que ficava nua, com partes íntimas de fora, expondo a simplicidade e cultura brasileira quanto aos índios.

Alencar (1991, p. 15) diz: “Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede [...]”. Das várias vertentes da índia, há também a humanitária, sendo ela caracterizada como uma mulher natural que busca atender

aos anseios e desejos de seu povo, muito disso parte do pressuposto submisso ao qual a mulher era colocada naquela época, um em que ela buscava compreender tudo ao seu redor para facilitar ao máximo a vida dos seus, ainda mais índios guerreiros. Isso só começa a mudar quando Iracema se apaixona e entende ter mais direitos do que apenas viver guardando o segredo ligado à sua virgindade.

“— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo de jurema e o mistério do sonho” (ALENCAR 1991, p.18), esse trecho descreve a aversão dos índios com o possível envolvimento de Iracema e Martim, não era apenas uma questão social, mas também cultural quanto aos aspectos ligados a condições indígenas. Relacionado a isso, há o jovem estrangeiro, que se via lutando contra o desejo pela mulher, medo dos seus e respeito pela índia e sua tradição. Alencar continua: “Martim sorriu do ingênuo desejo da filha do Pajé” (ALENCAR 1991 p.24). Juntando a isso, transborda a ingenuidade de moça virgem que começava a desenvolver sentimentos pelo homem do qual desconhecia e aparecera para retratar outras sensações que a levavam a esperar mais do que tinha no momento.

“Cedendo à meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro [...]” (ALENCAR 1991, p.25). A pressão existente não era voltada a qualquer tipo de opressão externa, estava mais ligada à vontade, aos desejos que Iracema passava a sentir e desenvolver quanto a novidade que seu corpo e mente apresentavam. O jovem português, sentido a mesma vontade, se deixou levar pelas mesmas sensações. O autor afirma: “Martim amparou o corpo trêmulo da virgem [...]” (ALENCAR 1991, p.29). Há uma contextualização romantizada dos momentos do casal, não por ser algo voltado ao sexual, mas da união acalentada e normativa de que um índio poderia se envolver de forma tão íntima com um estrangeiro e viver o “amor” contados nos romances.

Alencar também destaca a força da índia guerreira ao citar: “Iracema corria na mata, como a corça perseguida pelo caçador” (ALENCAR 1991, p.36). A ligação da personagem com a natureza também se destaca na narrativa, apesar de haver certas passagens modernas da cultura, ainda mais se falado na comparativa feminina, não se pode negar que o escritor deixou evidente a preocupação com as características indígenas da época, mesmo recebendo árduas críticas quanto a isso, Alencar considerava os índios o poderio da história cearense, de onde ele sempre descreve como sendo sua casa e casa dos seus filhos (livros e personagens).

Com tudo, todas as considerações quanto a negatividade do romance e da descrição do índio, o amor prevalece: “— A filha de teus inimigos vem a ti porque o estrangeiro te ama, e ela ama o estrangeiro” (ALENCAR, 1991, p.44). A partir de agora a narrativa ganha um novo destaque, após a aceitação dos dois em entender que sentem algo e desejam seus corpos,

ambos se deixam levar pelo disfrute carnal e físico. Ainda que Iracema demonstrasse um pouco de inconformidade por estar indo contra suas tradições e cultura. Alencar continua: “Lá o espera a virgem loura dos castos afetos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores”. (ALENCAR 1991, p.51). Essa comparação entre a nativa índia brasileira com a mulher europeia ajuda a entender o desejo ativo que Martim sente por sua amada, tendo uma versão muito natural da mulher, assim como o escritor a descreve em várias partes do livro.

“Já o estrangeiro a preme ao seio; e o ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse ádito d’alma, o himeneu do amor” (ALENCAR 1991, p. 51). Agora coloca Martim como o homem levado pela beleza e paixão irresistíveis de Iracema, a índia que o conquistou tanto por sua ingenuidade quanto por sua abstinência de ter o que quer e confrontar o que discorda. O autor coloca: “— Iracema te acompanhará, guerreiro branco, porque ela já é tua esposa” (ALENCAR p. 57). Há aqui a confirmação carnal dos corpos, além da ligação de alma a qual os nativos acreditavam como destino. Alencar ainda diz: “— O coração da esposa está sempre alegre junto de seu guerreiro e senhor” (ALENCAR 1991 p. 70). É colocado também as vertentes do marido, homem e estrangeiro, esse que se posiciona como herói junto de sua esposa, a versão familiar que era dada por muitos anos na sociedade, homem, mulher, sendo ele “senhor” e ela submissa a seus desejos. Mas, apesar dessa desenvoltura, o escritor descreve Iracema como feliz por suas escolhas ao dizer: “A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o terno filho nos braços [...]” (ALENCAR 1991 p.93), outra vertente da mulher, índia, esposa e guerreira, a mãe que dedicou seus últimos dias de vida para cuidar do filho que ainda se encontrava no útero e até após seu nascimento foi seu único pensamento no suspiro final, entregá-lo sã e salvo ao pai.

“O papel da mulher é central, como se nota. A personagem é o centro da história e aos demais acontecimentos do enredo é acrescentada uma atitude de Iracema” (SANTOS 2018, p. 05). Junto da centralidade da índia, há as interpretações por suas ações, destacando ainda mais o feminismo crescente dentro do século XIX. A estrutura familiar era muito retida por patriarcado e machismo, ler, estudar e entender Iracema concentra uma condição moderna de como enxergar a mulher na sociedade além de buscar por respostas aderentes do passado, ou seja, de comparar situações que hoje não fariam sentido para muitas pessoas.

Svizzero (2018) diz sobre o romantismo, outra vertente tida para Iracema:

Outro aspecto importante do Romantismo é a revalorização do passado, sobretudo da Idade Média, tão esquecida durante a vigência do esteticismo clássico. Há, portanto um desejo de recuperar valores medievais desprezados pelo espírito greco-latino como: ingenuidade, pureza, lirismo, inocência, misticismo, espiritualismo e nobreza. (SVIZZERO, 2018, p. 30).

Essas características colocadas no romantismo são as que Alencar tentou e para alguns foi interpretada como era Iracema, a índia que em sua cultura era espiritual e mística, a mulher que era pura, ingênua e inocente, a esposa nobre e lírica, todas elas sendo qualidades do romance do século XIX, ainda encontrando no XX, margens essas que transcendem o tempo, tendo representações mais modernas no XXI, onde a arte cinematográfica ganha destaque.

Alencar também destaca uma descrição muito forte do indianismo, mesmo que criticado, ele sempre foi fortemente ativo em suas obras. Svizzero (2018, p. 37) afirma: “O indianismo foi uma das formas mais legítimas da literatura nacional. O momento mais alto se dá entre meados de 1840 até 1860”. Justamente na época em que o escritor lançava seus livros, seguindo uma linearidade de enredo que era motivador de leituras e da literatura. Falar do índio, mesmo que em contextos opostos, ou mesmo sem veracidade, era uma forma de atrair o leitor e se destacar no mercado literário.

“Nos romances indianistas, Alencar idealizou um tipo de personagem repleto de qualidades míticas e de herói conforme o programa romântico: forte, leal, espiritualista, fiel aos seus sentimentos mais nobres como o amor e a amizade” (SVIZZERO 2018, p. 38). Essas características se destacavam tanto pela narração romântica, quanto pela cultura indígena, que em sua maioria se colocava dessa forma. A autora ainda diz: “Idealizou a índia Iracema, que se apaixonou pelo português, Martim, e Peri que se apaixonou por Ceci, uma heroína branca, com o objetivo de aproximar as duas etnias, na tentativa de integração do indígena com o branco europeu” (SVIZZERO 2018, p. 38). Havia também essa preocupação de romantizar a miscigenação racial, onde o homem branco se apaixonava pela índia, nativa e que desconhecia o mundo, junto disso, a apropriação de entender que seus filhos seriam o futuro do Brasil, assim como de fato aconteceu.

Machado, excelente leitor, não se engana ao sugerir que o principal aspecto da trama romanesca repousa na presença da personagem Iracema e na configuração que o autor lhe atribui. Para tratar da temática da sexualidade do erotismo e da identidade é sobre ela que se deve voltar à observação. (SVIZZERO, 2018, p. 50).

Machado de Assis, outro grande nome da literatura brasileira, enfatizava que a obra Iracema deveria ser voltada a ela, a personagem que se destacou justamente por apresentar várias vertentes para as quais o leitor poderia se concentrar, desde a índia guerreira, a mulher à frente o seu tempo, a esposa apaixonada e a mãe heroína. Para afirmar isso, Svizzero (2018, p. 52) pontua: “O processo de ressignificação da natureza brasileira, do primitivo habitante e de sua cultura faz parte do projeto romântico. Nesse universo a ser restaurado, o romance *Iracema* é uma obra engajada num projeto político de reconstrução da brasilidade”. Ou seja,

da formação populacional que entende que o futuro de fato será baseado nessas misturas de raças. O autor ainda fala: “Machado de Assis condensa de forma discreta, a beleza física do corpo de Iracema e a beleza moral caracterizando muito bem a heroína romântica idealizada na expressão — a virgem dos lábios de mel” (SVIZZERO 2018, p. 52). A virgindade de Iracema se torna também tema central das suas várias vertentes, isso porque o conceito e expectativa sobre tal era relevante ao século XIX, perpetuado também para o XX, se tornando menos complexo no XXI, se pensando na normalidade que se tornou na sociedade.

“O discurso romântico sobre a condição ideal do feminino valoriza a virgindade, a castidade, a pureza, a delicadeza feminina. Perder a virgindade corresponde a um rebaixamento da condição feminina, ao início de um descaminho em direção à margem da sociedade” (SVIZZERO 2018, p. 53). A virgindade era associada a aceitação da mulher na sociedade, a sua pureza, incumbência cultural da mulher, perdê-la era sinônimo de discriminação e inadequação social, principalmente no século XIX.

“Tudo leva a crer que a virgindade de Iracema decorre mais do indianismo utópico, idealizado, na tentativa de uma invenção, ou reinvenção do passado do que do conhecimento da sexualidade indígena” (SVIZZERO 2018, p. 54). Tornou-se mais uma apropriação cultural, de continuidade de ideologias, do que propriamente do conhecimento de que o índio valorize tais aspectos, não que seja inverídico, porém não é tido como o mais importante, pelo menos não no contexto colocado por Alencar.

Pois, as duas personagens sentem-se atraídas e seus corpos estão agora sob os impulsos do desejo que o guerreiro branco não ousa manifestar, mas Iracema intui e decide testar tomando uma atitude só possível a ela, conhecedora do segredo de jurema. (SVIZZERO, 2018, p. 56).

Entende-se aqui que *Iracema* já induz uma narrativa mais libertária de ações, destacando seus desejos com seu amado, ainda que contrárias para sua cultura, logo que ela estava prometida ao segredo da tribo. Porém, a necessidade feminina se destaca, pois Iracema fez prevalecer sua vontade e foi em busca que do que queria.

No entanto, mesmo que a personagem principal se destaque por sua destreza, ela ainda era uma mulher dentre homens que viviam em uma sociedade machista e patriarcal, isso se destaca ainda mais quando o próprio Martim deixou de seguir seus instintos por entender que não poderia devido ela ser comprometida com sua tribo e ainda ser pura (virgem), pelo menos até ela se impor e o português não conseguir mais fugir das suas vontades retribuídas pela índia. Havia uma versão erótica também dada por Alencar, essa que transcrevia o corpo de Iracema e sua sexualidade ativa como virgem inocente. Svizzero (2018, p. 60): “O banho é outro ritual erótico explorado pelo autor para enfatizar a formosura da mais bela filha da raça

de Tupã”. Confirmando justamente essa relação entre o corpo da mulher e sua aparição como índia que era descrita como a mais bela das mulheres.

Outra vertente que pode ser explanada é a gravidez, onde Svizzero (2018) pontua:

O corpo grávido de Iracema alegra Martim e seu amigo Poti como alegraria um casal e seus amigos na cultura judaico-cristã. E os mesmos valores sagrados invocados nesses momentos são os proferidos pelo amigo Poti que se sente impelido a dizer palavras de congratamento aos futuros pais. (SVIZZERO, 2018, p. 61).

A gravidez de Iracema, tida como um grande momento da obra de Alencar, tanto por ser a efetivação física daquele amor, quanto por comprovar a miscigenação das raças, também traz a finalidade do contexto, onde, em seu final, é colocada como o ato heroico da índia. Ainda que tendo o final infeliz para muitos, esse ato heroico de Iracema marca uma composição histórica do papel da mãe para com seu filho.

As mulheres índias sofreram passivas e silenciosas, como Iracema em conformidade com as categorias foucaultianas. Iracema pouco fala no romance, age pelas sombras, dissimulando suas intenções, mas fazendo uso de seus poderes femininos, beleza e magia são suas armas como as suas ancestrais Morgana, Isolda e tantas outras personagens de resistência ao poder masculino. (SVIZZERO, 2018, p. 64).

A personagem é inteligente, silenciosa por ser mulher, mas observadora, como cita o autor, sabe usar dos poderes que tem para conseguir o que quer, mesmo que passiva ao poder masculino, aspecto esse que chama atenção pelo contexto histórico, servindo de comparativa para as mulheres do século XXI, que já entendem seu papel de destaque e mudanças desde o século XIX.

Ainda sobre o processo gestacional Svizzero (2018, p. 66) afirma: “O corpo materno de Iracema dentro das condições discursivas que se lhe impõe o programa romântico, idealizando o sofrimento feminino como um valor legado pela cultura judaico-cristã”. Entende-se aqui, que a vertente de mãe é voltada para o sofrimento do parto, da necessidade de sentir a dor para o resultado, que nesse caso é o filho, a cria. A autora ainda continua: “Apropria-se de outras formações discursivas em que o ser mãe leva necessariamente ao sofrimento físico e emocional” (SVIZZERO 2018, p. 66). Comprovando essa noção de lamentação da maternidade, não por ser mãe, mas por compreender que o sofrimento faz parte do processo de gravidez.

“Os mais importantes temas que podem ser ressaltados no romance *Iracema* de José de Alencar são os relacionados à sexualidade que compreende o erotismo e a identidade feminina” (SVIZZERO 2018, p. 68). Essa sexualidade exagerada, junto da busca de identidade feminina se comprova ao ser destaque nas vertentes de Iracema, ela como mulher desejável e identificada como tal, não sendo relevante outros aspectos que ela possa ter.

Tratando-se da construção da personagem feminina, Iracema, a jovem virgem, a filha casta e pura da nação tabajara, que guardava o segredo de jurema, iniciada nas artes mágicas de sua tribo, é levada pela trama romântica a apaixonar-se e desejar ardentemente o guerreiro branco. E no sentido de extrapolar os códigos da cultura e os costumes da sociedade, no caso tribal, em nome do desejo, a personagem é um símbolo da quebra de tabu, no sentido literal da expressão. É a filha rebelde do velho Araquém, que abandona seu lar, seus irmãos, seu futuro esposo, enfim seu povo e costumes para acompanhar o guerreiro branco, traindo as leis sagradas de Tupã. (SVIZZERO, 2018, p. 69).

Iracema é considerada um marco por todas essas características, a mulher que pensava a frente do seu tempo, pois se for haver comparação com essas vertentes e o que se tem hoje como comportamento feminino, se enquadra em grandes participações. Mulheres solteiras que não necessitam de casamento para sobreviver, mães solas, jovens que largam tudo para viver o amor, casar, formar família, enfrentamento de cultura e familiar para fazer o que quer. Svizzero (2018, p. 70) ainda afirma: “Em nenhum momento Iracema desistiu de seu desejo, de seus impulsos, caminhou movida pelo desejo, caminhou para a morte sem cogitar nunca em mudar a direção de seu destino, que no caso foi trágico”. Orgulhosa de suas escolhas e conformada com seu destino, pois, apesar de ter deixado sua tribo, ela ainda era uma índia e acreditava fielmente nas consequências dos seus atos. Ter conseguido deixar seu filho sã e salvo com o pai foi seu último ato de heroísmo.

“Iracema é também símbolo do amor romântico, mas também do amor-paixão, de uma profunda união mística com o guerreiro branco, cujo corpo morto e sepultado ainda se manifesta, de forma mítica, na memória de um povo, na história de uma nação” (SVIZZERO 2018, p. 71). O enredo, o livro, a vida de *Iracema* se torna atemporal, prova disso é sua manifestação ainda ativa nas universidades e sendo temas de produções científicas que ganham destaque no meio acadêmico. Seu corpo morto se tornou símbolo de heroísmo, assim como sua naturalidade indígena é fonte de inspiração.

A partir da identidade feminina configurada nos moldes da personagem romântica Iracema é possível refletir sobre o feminino na atualidade e o seu papel social. Até mesmo sobre as condições e o papel da mulher índia, no tempo em que Alencar situa seu enredo; é salutar que se levante algumas questões sobre o papel da mulher indígena no processo de formação e consolidação do povoamento e consequente da formação da identidade feminina brasileira. (SVIZZERO, 2018, p. 72).

Assim como é um marco histórico, não se pode deixar de pensar na influência que histórias como a de Iracema auxiliaram na luta feminista, na formação e reformulação do papel da mulher na sociedade, tendo para comparação tanto o século XIX quanto o XX, para então ter essa versão moderna do que é ser mulher e ter direitos no século XXI. Svizzero (2018, p. 73) ainda afirma: “A mestiçagem é um fato que gera acirradas discussões, o ângulo da valoração varia muito, entretanto não se nega que o papel da mulher índia foi importante

neste processo”. A formação populacional do Brasil faz parte da história indígena, como dito, Iracema, além de alçar conceitos feministas, também ajudou nesse processo mítico, onde sua prerrogativa se dava pelo amor impossível, heroísmos e maternidade.

“Do ponto de vista da história da sexualidade, a virgindade é um tema intimamente relacionado à posição da mulher na sociedade e deriva das condições de poder e liberdade que usufrui” (SVIZZERO 2018, p. 94). Isso se dá pela construção de conceitos de que a mulher é submissa e que nem sua virgindade lhe pertencia, valores que hoje foram quebrados, mas ainda fazem parte de discussões quando se ver o número de casos de estupros seguidos de feminicídios no século XXI.

Svizzero (2018, p. 100) ainda continua: “Perante a tribo, o corpo de Iracema não lhe pertencia, assim como tantos outros corpos, na sociedade contemporânea, não se pertencem, por exemplo, o corpo do soldado, do religioso celibatário, do preso..., cuja indisciplina pode gerar punições”. Acaba não sendo um tema privilégio para as mulheres, não desmerecendo a causa, sendo ela enfatizada em vários sistemas constitucionais, mas mesmo dentro da constituição, há margens para o descumprimento da liberdade e igualdade, além dos direitos humanos quanto a propriedade do corpo humano.

Findando, Svizzero (2018) enfatiza:

A gravidez de Iracema é fruto de uma história de amor romântico com seus altos e baixos; porém no momento do parto se encontra sozinha, pois o pai ausente combate os franceses invasores, cumprindo o dever de fidelidade à Coroa com auxílio do pitiguaras aliados dos portugueses. (SVIZZERO, 2018, p. 116).

O final da obra, dando destaque ao seu último suspiro ao entregar o filho ao pai, engloba as vertentes de Iracema destacadas aqui, índia, que teve seu filho sozinha, como acontecia bastante nas tribos, mulher que era detida pelos costumes da época, mas não se qualificou a eles, buscando seus objetivos, esposa que amou seu marido até o momento da morte, e mãe que em ato considerado heroico sofreu e sorriu ao entender que aquela era sua missão, dar luz ao ser que por Alencar era colocado como a comprovação da miscigenação de raças.

O escritor poderia não entender o quanto aquilo foi significativo, mas hoje para quem ler e entende um pouco da sociedade do século XIX e XX, comprova que as mudanças sociais, a liberdade e igualdade feminina, assim como sua visão sobre os temas foi de suma importância para a construção social do papel da mulher que se tem nos últimos anos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorreu-se inicialmente sobre o conceito de liberdade, igualdade e a construção histórica do papel da mulher, levando em conta os movimentos feministas e comparação entre os séculos XIX, XX e XXI. É inevitável dizer que a mulher durante muitos anos sofreu pela opressão do machismo e diferença de gênero, porém, isso tanto por conta do comportamento aculturado dela, por aceitar, quanto do outro, por ser ensinado assim. A reeducação estrutural da sociedade foi lenta, mas comprovada quando essa comparação é feita. Junto disso, entender o quanto os movimentos e revoluções foram importantes para o que se tem hoje é imprescindível. As revoluções francesa e americana que levantam a bandeira da liberdade e igualdade traz para a história uma outra visão do processo trabalhista, junto disso adicionando a cauda ao movimento feminista, que também buscava essa noção libertária e igualitária para as mulheres. Essas ações históricas fazem parte da construção social em que a mulher se enquadra hoje, independente, visionária e que pode exercer profissões nunca pensada antes na sociedade patriarcal.

Iracema, nessa perspectiva, adentra na história como fundamental para a comparação entre a mulher do século XIX e XX como a do século XXI. Além dessa noção feminista, a índia, esposa e mãe, também se destaca na construção histórica do processo de miscigenação do Brasil, comprovando sua importância. A personagem, que aparentava viver a frente do seu tempo, mostrou a formação romântica, a idealização moderna e o heroísmo materno, vertentes que ficaram marcadas em completo para a composição social da mulher moderna em contrapartida da mulher índia clássica.

Conclui-se então a importância fascinável do enredo *Iracema*, de José de Alencar, esse que destacou parâmetros históricos voltados para a mudança comportamental e comparativa do papel da mulher na sociedade. Ainda que inconscientemente desacreditado da característica atemporal de sua obra, o escritor enfatiza essa noção visionária, que se confirmou com o passar dos anos, não é à toa que é considerado para muitos o maior romancista da literatura brasileira. Com isso, o sistema patriarcal do século XIX é considerado margem para a formação do que se tem hoje, ou seja, é importante os estudos e análises do passado para entender o futuro, junto disso, a literatura adentra como mediadora de conceitos e perpetuadora de ideologias, sejam elas compactuadas ou não.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

ALMEIDA, Cristhiane Tatiane de Oliveira. BRANDÃO, Fabiana Souza. BOTI, Patrícia Aparecida Firmino. **OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 6, número 24, novembro de 2016. Disponível em: www.faceq.edu.br/regs

AVES, Ana Carla Farias. ALVES, Ana Karina da Silva. **AS TRAJETÓRIAS E LUTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES. IV Seminário CETROS**. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social. 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi.

AZAMBUJA, Cristina Spengler. **O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista O Cruzeiro**. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Rio Grande do Sul, 2003.

BERBEL, Vanessa Vilela. **A relação entre liberdade e igualdade na perspectiva histórica da democracia**. Cadernos de Direito, Piracicaba, v. 15(29): 79-97, jul/dez. 2015 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15600/2238-1228/cd.v15n29p79-9>.

CAMILO, Vagner. **MITO E HISTÓRIA EM IRACEMA: A recepção crítica mais recente**. Novos Estudos. São Paulo, 2007.

CAMPOS, Mariana de Lima. **FEMINISMO E MOVIMENTOS DE MULHERES NO CONTEXTO BRASILEIRO: A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS E A BUSCA DE INCIDÊNCIA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS**. Recebido em: 24/05/2017, Aprovado em: 01/07/2017. REVISTA SOCIAIS & HUMANAS - VOL. 30 / ED. 2 – 2017.

COELHO, Maria Francisca Pinheiro. **A Esquerda ontem e hoje: o dilema entre igualdade e liberdade. Sociedade e Estado**. Brasília, v. 24, n. 2, p. 509-527, maio/ago. 2009.

COSTA, Irla Henrique. ANDROSIO, Valéria de Oliveira. **AS TRANSFORMAÇÕES DO PAPEL DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE**. São Paulo, 2011.

CUNHA, Maria de Fátima da. **HOMENS E MULHERES NOS ANOS 1960/70: UM MODELO DEFINIDO?** Editora da UFPR. Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001.

FARIA, Prof^a. Dr^a. Lia Ciomar Macedo de. CUNHA, Prof. Dr. Washington Dener dos Santos. SILVA, Prof^a. MSc. Rosemaria Josefa Vieira da. **MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES FEMININAS: IDEOLOGIAS E UTOPIAS DOS ANOS 60**. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424. Disponível em: www.ufvjm.edu.br/vozes

GERHARDT, Tatiana Engel. **MÉTODOS DE PESQUISA**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. EAD – Série Educação a Distância. Editora UFRGS. Rio Grande do Sul. 2009.

GIL, Robledo Lima. **Tipos de pesquisas**. 2008.

MARTINS, Eduardo Vieira. **DEZ ESTUDOS (E UMA PEQUENA BIBLIOGRAFIA) PARA CONHECER JOSÉ DE ALENCAR**. São Paulo, 2016.

MONTELLO, Josué. **ALENCAR E O PRIMEIRO HABEAS CORPUS PREVENTIVO**. Artigo publicado originalmente na Revista Cultura, edição de outubro de 1967.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. CATALÃO-GO, 2011.

PINHEIRO, Joceny de Deus. **IRACEMA, A VIRGEM DOS LÁBIOS DE MEL: NEGAÇÃO E AFIRMAÇÃO DA INDIANIDADE NO CEARÁ CONTEMPORÂNEO**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção e Acarape, Ceará, Brasil. Artigos, v. 1, n. 1, p. 135 -158, São Paulo, junho, 2016.

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA: ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL E OS DESAFIOS PARA REDIGIR O TRABALHO DE CONCLUSÃO**. PRAÇA, F. S. G. 08, nº 1, p. 72-87, JAN-JUL, 2015. Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A IMPORTÂNCIA DA MULHER**. São Paulo, 2015.

SANTOS, Sarah Agapito dos. **As Iracemas de hoje em dia**. Acadêmica de Letras – Português (Licenciatura) na Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

SVIZZERO, Nelma Eugenia. **Sexualidade e identidade feminina em “Iracema” de José de Alencar: da literatura romântica de vestibular à visão crítica dos vestibulandos**. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – SP. ARARAQUARA – SP. 2018.